

# *Gazeta das Aldeias*

N.º 2490

1 DE MARÇO DE 1963

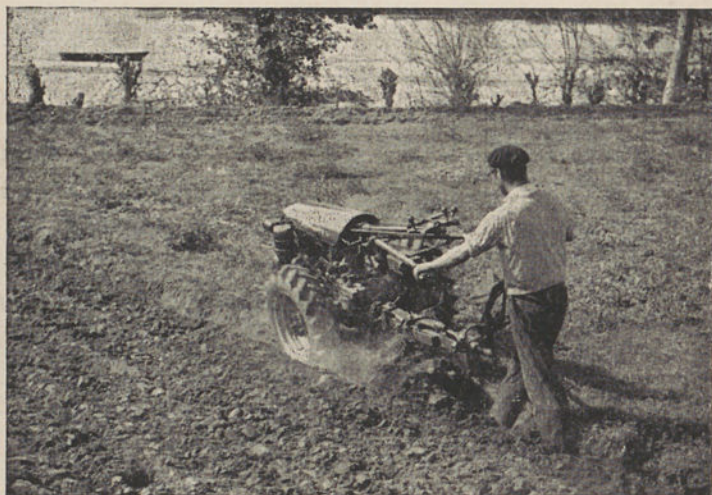


Sala \_\_\_\_\_

Est. \_\_\_\_\_

Tab. \_\_\_\_\_

N.º \_\_\_\_\_



← *Na Lavoura*

**BUNGARTZ**

*Nas Vinhas e Pomares* →

**BUNGARTZ**



← *Nos Transportes*

**BUNGARTZ**

(ISENTO DE CARTA)

**NÃO HÁ MAIS EFICIENTE  
NÃO HÁ MAIS ROBUSTO**

**Motocultivadores Diesel de 7 e 13 HP.**



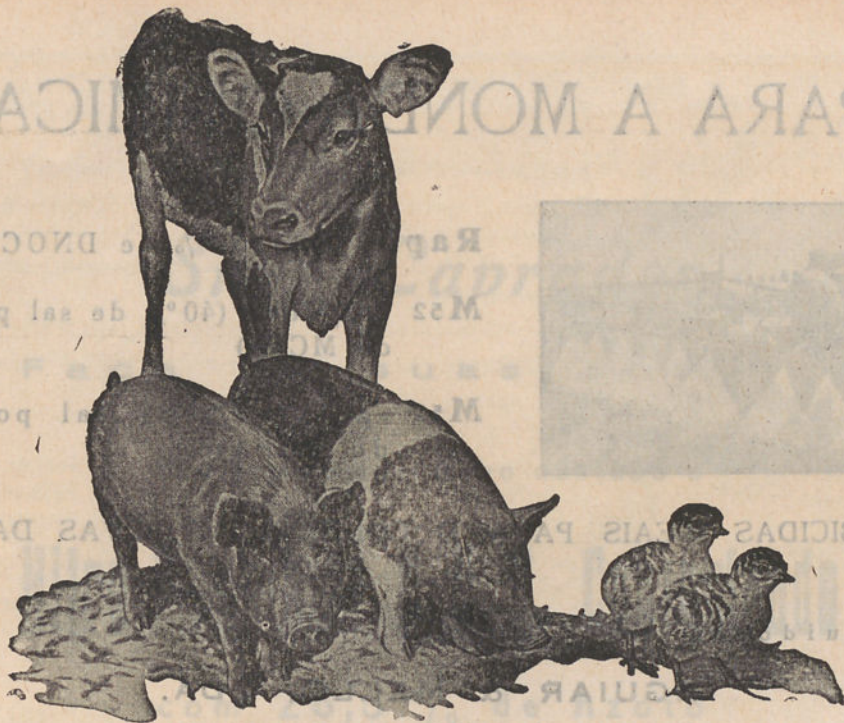
**RAMO AGRÍCOLA DA**

**Agência Comercial de Anilinas, Lda.**

**75 - Galeria de Paris - 77**

**PORTO**

**Telef. 25397**



## AUMENTE OS SEUS LUCROS

O **Aurofac**\* é o produto que contém a **Aureomicina**\* (clorotetraciclina) e o seu uso permanente nas rações proporcionar-lhe-á:

- 1.º Diminuição da mortalidade;
- 2.º Mais porcos por ninhada;
- 3.º Aumento do índice de crescimento e de engorda;
- 4.º Mais aumento de peso;
- 5.º Menor consumo de ração.

O uso diário do **Aurofac** nas rações permite que os porcos atinjam os pesos de abate 2 ou 3 semanas mais cedo. O uso diário do **Aurofac**, nas rações, poupar-lhe-á tempo e dinheiro.

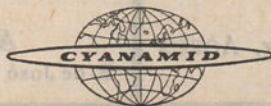
Utilize o **Aurofac** nas rações dos porcos e será largamente compensado

APRESENTAÇÃO: AUROFAC 2A E AUROFAC 20

Peça ao seu fabricante, ou fornecedor, rações contendo **Aurofac**

\* *Marcas Registradas*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO  
Cyanamid International  
A Division of American Cyanamid Company  
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. exclusivos para Portugal e Ultramar:  
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.ª  
Rua Conde de Redondo, 64—LISBOA  
Rua de Santo António, 15-3.º—PORTO

# PARA A MONDA QUÍMICA



**Raphatox** (50% de DNOC)

**M52** «líquido» (40% de sal potássico do MCPA)

**M52** «pó» (80% de sal potássico do MCPA)

OS HERBICIDAS IDEAIS PARA O COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS

Distribuidores Exclusivos:

**AGUIAR & MELLO, LDA.**

Praça do Município, 13-1.º—LISBOA

2891

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS

## Senhor Lavrador

Se se encontra interessado na compra de:

Máquinas agrícolas, insecticidas, fungicidas e produtos enológicos.

Adubos simples e compostos.

Sementes para horta, prado e jardim.

CONSULTE O:

**Centro Agrícola e Industrial, Lda.**

307—Rua Sta. Catarina—309

**PORTO**

Telef. 25865/6

Teleg. AGROS

2747

## No início da época das ervas...

Faça uma experiência com um motocultivador

**Gutbrod**

e ficará admirado do seu rendimento como segadeira.

Economize fazendo com um motocultivador todos os trabalhos agrícolas, como:

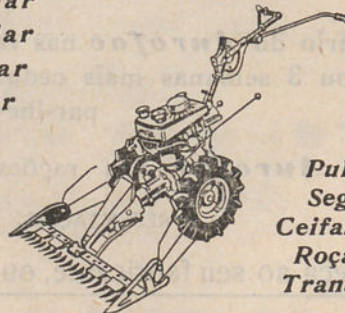
*Cavar vinhas e pomares*

*Semear*

*Gradar*

*Sachar*

*Regar*



3781

*Pulverizar*  
*Segar erva*  
*Ceifar cereal*  
*Roçar mato*  
*Transportar*  
*e até*

*Mungir as suas vacas*

**Agência Geral Gutbrod**

R. de José Falcão, 152-156—Tel. 20947—PORTO

*Snr. Lavrador*

**F a ç a   a s   s u a s   c o n t a s !**

Prefira como adubo azotado o

**Nitro-Amoniacal C. U. F. Concentrado**

com 26,5 % de Azoto

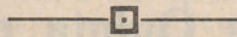
**(Metade nítrico \* Metade amoniacal)**

pois é de todos os adubos azotados  
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

3455

Pode applicá-lo, quer à

**SEMENTEIRA quer em COBERTURA**



**Companhia União Fabril**

**L I S B O A - 3**

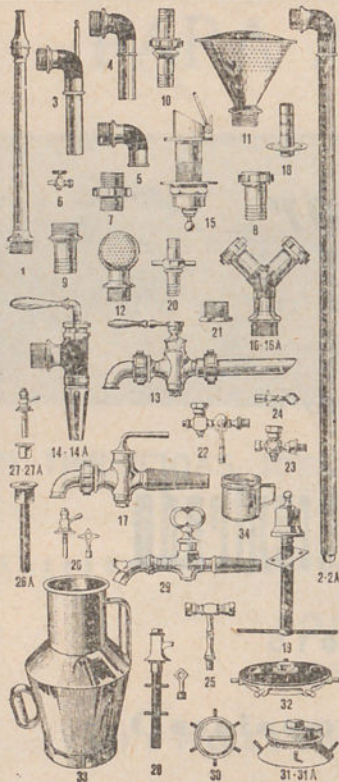
Av.<sup>a</sup> do Infante Santo  
(Gaveto da Av.<sup>a</sup> 24 de Julho)



**P O R T O**

R. do Bolhão, 192-3.º

**DEPÓSITOS E REVENDEDORES EM TODO O PAÍS**



**Tanino «Dyewood» 100% solúvel** (o mais puro à venda no País)

**Amiantos «Filterit»** (isentos de ferro e de cálcio)

**Carvão Vegetal «Actibon»** (poderoso descorante, absolutamente inodoro)

**Galgonit** (o mais enérgico produto para lavagem e desinfecção de vasilhame)

**Microsil** (a mais fina terra de infusórios para filtros)

**Filtrodur** (a marca de placas que deve preferir para os seus filtros)

**Grupos Electro-Bombas \* Filtros Suíços de Placas \* Instalações Suíças para Filtração \* Instalações para Gaseificação \* Máquinas Manuais e Mecânicas para Enchimento de Garrafas e Garrafões \* Máquinas de Rolhar, etc. \* Mangueiras de Borracha e de Plástico \* Aparelhos de Laboratório**

3876

**Sociedade de Representações GUIPEIMAR, L.da**

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º  
PORTO

TELE { fones: 28099-35173  
gramas: GUIPEIMAR

**O Caminho de Ferro é o transporte ideal, pois é seguro, rápido, prático e económico.**

1503

**Alberto da Silva Duarte**

COLMEIAS, CERA MOLDADA e utensílios apícolas

3804

Fabricante em Portugal desde 1935 da colmeia "Langstroth-Root"

R. Capitão Luís Gonzaga, 38—Tel. 23337—COIMBRA

## Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

*No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.*

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

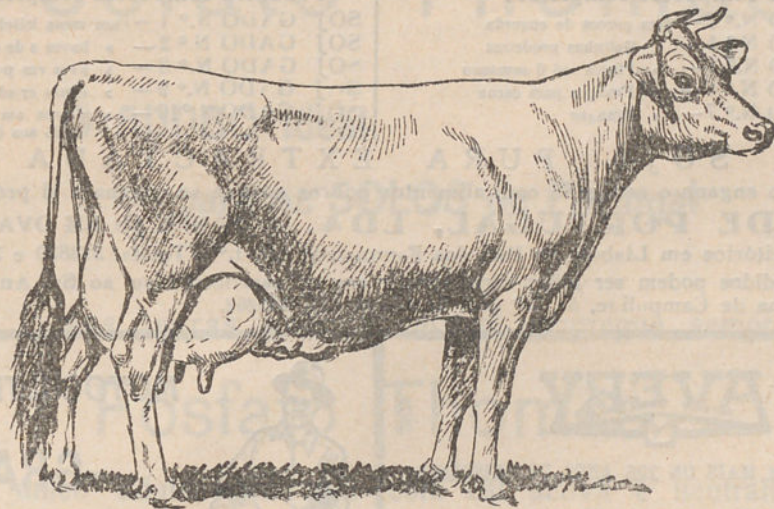
3684

**Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.**

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 71 — NINE

VACA que não é ordenhada  
é VACA que não dá rendimento...



...de modo que para combater a mastite que tão generalizada e que tão prejudicial é, há que ir pelo seguro: POMADA e SUSPENSÃO DE «AUREOMICINA» para instilação nos úberes, porque é um preparado de comprovada eficácia



3211

Geralmente, basta um tratamento para que o animal se restabeleça e se possa aproveitar o seu leite. Mas sendo necessário repetir-se, só há que fazê-lo cada 48 horas, o que representa outra economia de tempo e de dinheiro

## POMADA e SUSPENSÃO DE AUREOMICINA\*

Cloridrato de Clorotetraciclina para instilação nos úberes



\* Marca Registada

Apresentação: { POMADA  
Bisnaga de 7,1 g  
SUSPENSÃO  
Seringa de 6 cc.

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO  
Cyanamid International  
A Division of American Cyanamid Company  
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ilhas:  
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.A  
Rua Conde de Redondo, 64-3.º - LISBOA  
Rua de Santo António, 15-3.º - PORTO

# À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que têm obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível. Todos os Grêmios de Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

## Produtos compostos completos:

- SOJAGADO N.º 3 — Para porcos de engorda
- SOJAGADO N.º 4 — » Galinhas poedeiras
- SOJAGADO N.º 5 — » Pintos até 6 semanas
- SOJAGADO N.º 6 — » Frangos para carne
- SOJAGADO N.º 7 — » Franças

## Produtos compostos complementares:

- SOJAGADO N.º 1 — Para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — » bovinos de engorda e trabalho
- SOJAGADO N.º 8 — » aves em postura
- SOJAGADO N.º 9 — » éguas cradeiras e poldros
- SOJAGADO N.º 10 — » porcos em crescimento (dos 25 aos 60 quilos)

## SOJA PURA EXTRACTADA

Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

**SOJA DE PORTUGAL, LDA.** \* FÁBRICAS EM OVAR — Telef. 63

Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º — Telef. 323830 e 327806

Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara Cordovil, rua de Campolide, 55, 1.º dt.º, Lisboa — Tel. 685262.

# AVERY

A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças \* Básculas \* Medidoras para  
petróleo, azeite e óleo \* Cortadores  
para fiambre \* Moinhos para café \*  
Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade — 10 quilos  
Mostrador — 1 quilo  
Divisões — 5 gramas

Balança semi-auto-  
mática precisa,  
moderna e de ele-  
gante apresentação



MODELO M4CH

**Medidora para Petróleo,  
Azeite e Óleo**

Medição rigorosa e automática  
nas capacidades de 1/2 e 1  
decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro

ESMALTADA A BRANCO  
RÁPIDA E HIGIÊNICA  
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE

**AVERY PORTUGUESA, L.ª DA**

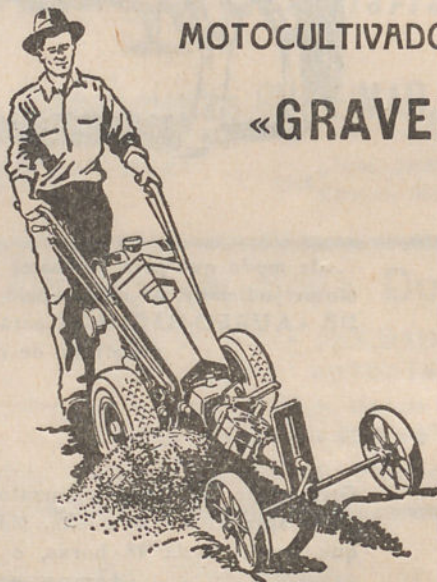
SEDE — LISBOA — Rua Braamcamp, 66-70 — Telef. 42001

FILIAL — PORTO — Rua D. João IV, 23 — Telef. 22144

AGÊNCIAS } COIMBRA — Rua da Sofia, 164 — Telef. 4512  
FUNCHAL — R. Ferreiros, 18 — Telef. 818.2286

## MOTOCULTIVADORES

# «GRAVELY»



Um só motocultivador \* 30 alfaías agrícolas

*Lavra — Sacha — Grada — Semeia —  
Transporta — Cava e descava  
vinhas — Pulveriza vinhas, batatais  
e árvores — Serra — Rega — Ceifa —  
etc., etc.*

**ADQUIRA** um motocultivador

**ESCOLHA** as alfaías que precisa

Representantes exclusivos:

**INIMEX**

Internacional Importadora e Exportadora, Lda.

Rua do Almada, 443 — Telef. 33379 — PORTO



# Fosfato Thomas

O ADUBO ideal  
para os SOLOS de Portugal

Nas terras pobres em cal empregue sempre

## Fosfato Thomas,

o único adubo fosfatado com cal activa e neutralizante existente no mercado.

2890

Envie-nos hoje mesmo este cupom, em carta ou colado num postal, marcando com uma cruz o que lhe interessar.

AOS	A
<b>Serviços Agronómicos do Fosfato Thomas</b>	
<i>Rua D. João V, n.º 29-3.º D</i>	<i>LISBOA-2</i>
.....	
<b>Queiram gratuitamente:</b>	
<input type="checkbox"/> — Enviar-me literatura.	
<input type="checkbox"/> — Fornecer-me instruções para a colheita de amostras de terra para análise (as despesas da análise ficam a cargo do agricultor).	
<input type="checkbox"/> — Visita do vosso Engenheiro.	
Nome .....	
Morada .....	

# ALFA-LAVAL

## Instalações automáticas de mungir

Material de superior qualidade, elegância de desenhos, rendimento e perfeição inextinguíveis — resultado de quase um século inteiramente dedicado à construção de máquinas para a indústria de laticínios.

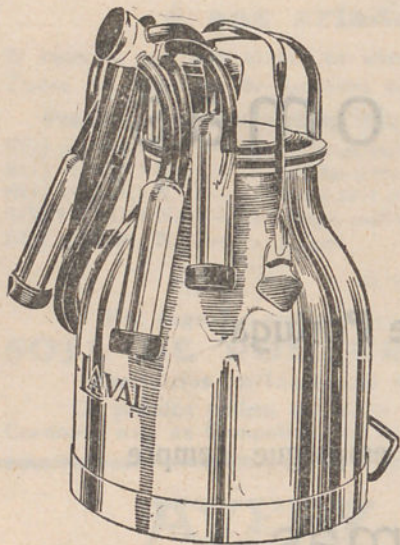
Stock permanente de peças sobrecelestes

Assistência garantida

AGENTES E DEPOSITÁRIOS:

**Harker, Sumner & C.a, L.da**

PORTO—Rua de Ceuta, 38 a 48  
LISBOA—14, Largo de Corpo Santo, 18



3887

## Milho Híbrido

Obtenções nacionais aprovadas e certificadas pelos Serviços Oficiais

*Variedades disponíveis para venda:*

**H. P. 21 A**—branco, tipo de grão liso (idêntico ao regional), semi-temporão, muito rústico e resistente ao vento.

**H. B. 5 A**—branco, de tipo de grão dentado (milho de cunha), semi-tardio, muito produtivo e resistente ao vento.

Pedidos de inscrição para os

*Distribuidores Gerais*  
AGÊNCIA COMERCIAL  
DE ANILINAS, LDA.  
(RAMO AGRÍCOLA)

75, Galeria de Paris—PORTO  
Telefone, 25397



SERVIÇOS AGRONÓMICOS PARA  
ORIENTAÇÃO DOS CLIENTES

3807



3886

**O adubo das boas colheitas**

*Se pensa em*  
**Jóias - Pratas - Mármore**  
**Bronzes**  
*Pense V. Ex.ª na*

**Ourivesaria**  
**Aliança**

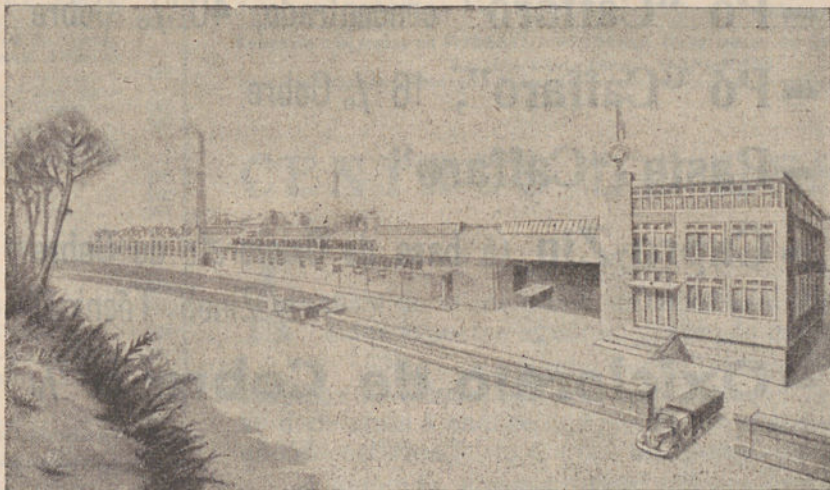
3048

191, Rua das Flores, 211  
PORTO  
Filial em LISBOA:  
Rua Garrett (Chiado), 50

FÁBRICA DE MADEIRA AGLOMERADA

«TABOPAN»

TELEFONE N.º 53 — AMARANTE



3716

UMA DAS MAIS MODERNAS INSTALAÇÕES DA EUROPA NA PRODUÇÃO DE MADEIRA AGLOMERADA

Placas de 2,50×1,25—2,13×1,25—2,13×1,00—2,13×90—80, 75, 70 e 2,00×1,00  
Espessuras: de 3 a 36 m/m para todas as aplicações

**Portas, Lambrins, Tectos, Mobiliário, Construção Civil e Naval, Hangares,  
Casas Pré-Fabricadas, Carteiras e Mobiliário Escolar, etc.**

Esta madeira foi considerada pelos famosos cientistas germânicos em madeira aglomerada, Engenheiro H. F. Schewiertz, de Hamburgo, e Professor Wilhelm Klauwitz, da Universidade Técnica de Braunschweig, como a melhor que se tem produzido na Europa

Também o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, de Lisboa, a considerou igual à melhor que se produz no estrangeiro

As construções de maior categoria têm preferido «TABOPAN»

A única Fábrica Europeia que produz placas de 3, 4, 5 e 6 milímetros de espessura com uma resistência de 407 kg./cm<sup>2</sup> (cerca de 3 vezes mais que a madeira maciça)

Distribuidores no Distrito do Porto  
e Província do Minho:

**Sociedade Comercial de Representações José Soares, Lda.**

R. Rodrigues Sampaio, 169-2.º • Tel. 28091

PORTO

Distribuidor em Lisboa:

**ALVES DE SÁ & C.ª, L.ª**

R. das Janelas Verdes, 86 • Tel. 66 94 22

LISBOA

# *Societa Elettrica e Elettrochimica del Caffaro*

MILANO

- **Pó “Caffaro”** superconcentrado,  
48-50 % Cobre
- **Pó “Caffaro”** concentrado, 40 % Cobre
- **Pó “Caffaro”**, 16 % Cobre
- **Pasta “Caffaro”**
- **Cupro-Zin** (à base de Oxidoreto de Cobre  
e Zineb Técnico)
- **Oxidoreto de Cobre** 50 %

A longa experiência da «CAFFARO»  
é uma garantia da qualidade  
e excelência dos seus produtos.

## *Outros Produtos “CAFFARO”*

- **Aldrene** granulado
- **Ziramit**
- **Ultrazolfo** (enxofre micronizado)
- **Adubos compostos**
- Terras descorantes para azeites e óleos:  
**Prolit “Pn”** e **Prolit “Rapid”**

Agente:

**Emanuele Barabino**

Rua da Prata, 93-2.º — Esq.  
LISBOA - 2 — Telef. 369965

## SUMÁRIO

Centros de Gestão. . . . .	161
Depois do fogo — Prof. C. M. Baeta Neves. . . . .	162
Milharadas — Eng. Agrónomo Luis Bivar. . . . .	166
Começando pelo princípio — A acção da família sobre a evolução da juventude — Eng. Agrónomo Duílio Marques. . . . .	169
Trabalhos em Março. . . . .	171
Criemos perus — Médico Veterinário Fernando Sousa Silveira. . . . .	175
O aprovisionamento artificial das abelhas — Eng. Agrónomo Vasco Correia Paixão. . . . .	176
A arborização da Bacia Hidrográfica do Rio Mondego — Eng. Silvicultor João da Costa Mendonça. . . . .	179
Árvores e madeiras de Portugal — Eng. Silvicultor Albino de Carvalho. . . . .	183
Vinhos da Bairrada — Eng. Agrónomo Pedro Nuncio Bravo. . . . .	187
Mirante — Conde d'Aurora. . . . .	189
Caça e Pesca — Desovadouras de salmónides — Almeida Coquet. . . . .	190
«Rádio Rural». . . . .	192
Secção Feminina. . . . .	193

## SERVIÇO DE CONSULTAS

— Agricultura. . . . .	195
— Fruticultura. . . . .	196
— Jardinagem. . . . .	197
— Zootecnia. . . . .	197
— Direito Rural. . . . .	198
Informações. . . . .	199
Intermediário dos Lavradores. . . . .	200

## A NOSSA CAPA



Moncorvo, Felgar

Lavrando os campos de cascalho negro, denunciador dos jazigos de minério de ferro

Cliché gentilmente cedido pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular — Porto.

## ASSINATURAS

Ano. . . . .	100\$00
Semestre. . . . .	55\$00
Número avulso. . . . .	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais. . . . .	50 %

Visado pela Comissão de Censura

# Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) \* Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO  
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO \* Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)  
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

## CENTROS DE GESTÃO

**A** CABAM de se realizar duas reuniões onde foram debatidos aspectos ligados à gestão da empresa agrícola.

Uma — a primeira — efectuou-se no Porto entre técnicos da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas que se dedicaram à análise dos resultados obtidos no primeiro ano da actividade do Centro de Gestão de Braga.

A segunda, a que presidiu o Secretário de Estado da Agricultura, realizou-se em Braga e constituiu, por assim dizer, a consagração desse primeiro ano de actividade.

Em ambas estiveram presentes individualidades ligadas ao Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Calouste Gulbenkian.

A importância do assunto, a actualidade que os modernos sistemas de análise da gestão têm em todas as actividades e entre elas a agrícola, num mundo cada dia mais subordinado às exigências económicas, levam-nos a, nesta nota, arquivar o facto, dando-lhe o realce merecido e registando em especial um aspecto notável — o da íntima colaboração dum grupo de verdadeiros e conscientes lavradores minhotos com técnicos oficiais, numa afirmação clara de mútua confiança.

Esse punhado de empresários agrícolas que decididamente aceitou o único caminho, trabalho mas válido, para a procura de novas soluções que orientem e valorizem a sua actividade, tem que ser apresentado como exemplo.

Esperamos em próximo número desta revista apresentar, com o maior desenvolvimento, as afirmações feitas na reunião de Braga, pois as consideramos da maior actualidade, pleno fundamento e cheias de sentido das realidades.



# DEPOIS DO FOGO

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES  
Eng. Silvicultor

**D**URANTE o último Verão, como foi do conhecimento do País inteiro, os fogos nas matas tomaram um aspecto tão grave, que chegou mesmo a haver quem fantasiasse outras quaisquer

Janeiro), em pleno Inverno, num ano em que este tem sido particularmente rigoroso, com temperaturas anormalmente baixas e quedas pluviométricas muito altas, surgiu um novo fogo, em área de perímetro florestal, aumentando ainda mais a soma dos prejuízos consequentes.

Aparte as suspeições de alguns raros, capazes de verem infiltrações do vírus político em todos os acontecimentos aparentemente subversivos, a causa primeira e verdadeira da invulgar abundância de fogos foi a existência, dentro de limites excepcionalmente favoráveis, e durante um período muito prolongado, das condições climáticas necessárias para tornar mais agudo o perigo dos incêndios e, consequentemente, mais fácil o seu aparecimento.

E tudo quanto não seja a explicação meteorológica, além das causas habituais, representa não só manifesta má-fé como, e acima de tudo, prova de muita ignorância, à qual também não se pode deixar de atribuir, por outro lado, grandes responsabilidades.

Mas a ignorância, infelizmente, não tem só responsabilidades na fantasiosa interpretação das causas desses fogos e nos actos praticados sem consciência do perigo que representam, ela ainda aparece, embora com outros aspectos, a prejudicar as decisões tomadas, não só para orientar o seu combate mas também para organizar a sua profilaxia.

E quem ponha em dúvida o que afirmo basta pegar na obra de Davis «Forest fire — Control and Use» (1959) para depois poder concluir se tenho ou não razão ao



Cepo de pinheiro bravo, onde se vêem orifícios correspondentes a galerias de xilófagos (assinalados pelas setas a branco). Árvore cortada cerca de um ano depois do fogo. (Figueiró-dos-Vinhos — Setembro, 1962)

causas que não fossem aquelas a que normalmente é atribuída a sua origem.

E ainda há bem pouco tempo (fim de

concretizar tais críticas no caso português.

As tentativas feitas pelos Engenheiros Silvicultores Campos de Andrada, Belo Dias e Alves da Silva de profundar o assunto especializado da «Defesa contra os fogos florestais», não se sucederam, que eu saiba, os estudos e decisões convenientes a demonstrarem o verdadeiro interesse das entidades oficiais competentes para acabar com tal flagelo ou, pelo menos, diminuir, até ao mínimo possível, as suas graves consequências.

Nem sequer no último congresso do Fogo, realizado em Lisboa, o assunto foi tratado, a não ser acidentalmente por um representante da Turquia, quando todos os anos, e este último com maior intensidade, o País vem sofrendo enormes prejuízos à sua conta.

\* \* \*

Interessado como sempre estive pelo problema dos fogos, e tanto pela sua importância nacional como por se tratar de um capítulo da «Protecção Florestal», a que tenho dedicado a maior parte da minha vida profissional, resolvi tentar esclarecer algum dos seus aspectos, nomeadamente em relação ao ataque dos insectos que em geral lhes sucede.

Tenho tido assim a preocupação de visitar matas queimadas, este ano ou nos anos anteriores, e de fazer nelas as colheitas indispensáveis de material de estudo, e as observações locais que as circunstâncias permitam.

Estive assim em Setembro na Serra da Estrela, na área de um fogo que tinha aberto, no ano anterior, uma vasta clareira, abaixo do Observatório; na região de Figueiró dos Vinhos, onde em 1961 houve uma verdadeira catástrofe, numa vasta área de pinhais que ficou totalmente perdida (à parte o aproveitamento dos salvados); na Serra de Sintra, um mês depois de ter ali lavrado um fogo, na extinção do qual tomei parte, pouco antes de partir para férias, visita repetida mais tarde, e ainda noutros pontos, embora só de passagem, onde por acaso deparei com algumas árvores queimadas.

Longe ainda de poder divulgar os resultados do estudo do material colhido,

os quais transcenderão em muito aquilo poder caber nas páginas de uma revista do tipo da «Gazeta», posso desde já afirmar que em todos os casos observados, além de um certo limite de intensidade de queima, o ataque de insectos não só pode ser sempre verificado, como atingia,



A rebentação de um Eucalipto um ano depois do fogo (Figueiró-dos-Vinhos — Setembro, 1962)

na grande maioria deles, uma intensidade excepcional.

Devo esclarecer que as minhas observações em relação ao ataque de insectos incidiram quase sempre sobre pinheiros bravos; só na Serra da Estrela tive ocasião de as fazer em *Pinus silvestris* e *Pseudotsuga Douglasii*, tendo verificado nestes dois casos uma relativa abundância de fauna subcortical no primeiro e a sua modestíssima representação no último.

Davis (obr. cit.), a propósito das relações dos fogos com as doenças e os insectos, afirma: «*The most serious aspect of fire injury to living tree is that so frequently increase susceptibility to disease and insect attack*».

Tal afirmação não constitui, contudo, nenhuma novidade; não há nenhum livro

Protecção Florestal propriamente dita, ou sobre Patologia e Entomologia florestais, que se não refira a essa causa remota do ataque de certas pragas e doenças. Mas apesar disso a sua verificação nas nossas condições nunca tinha sido divulgada, em relação a casos concretos, embora, não possa deixar de o admitir, tenha sido certamente feita muitas vezes.

O que não deixou de me surpreender foi a rapidez com que se deu esse ataque



Uma mancha de *Agrostis setacea* entre pinheiros queimados (Figueiró-dos-Vinhos — Setembro, 1962)

nos pinheiros bravos no caso da Serra de Sintra. Pouco mais de um mês depois já as árvores estavam cheias de larvas de cerambicideos, em número excepcional.

Em Figueiró-dos-Vinhos, em alguns pinheiros bravos ainda em pé, queimados no ano anterior, também encontrei uma fauna bastante abundante, embora menos do que no caso anterior, e diferente como é natural, como resultado do desenvolvimento da *sucessão*, durante cerca de um ano.

E aí tive ocasião de observar cepos de pinheiros cortados naquele ano (cerca de um ano depois do fogo) já com gale-

rias de xilófagos abertas no interior do lenho, conforme estão assinaladas na fotografia respectiva.

Quanto à relação desse aumento da susceptibilidade das árvores ao ataque dos insectos e a intensidade da queima produzida pelo fogo, não é difícil concluir que há um limite bem definido, a determinar mais tarde com maior rigor, como base de instrução práticas a divulgar em relação ao critério que deverá ser adoptado, em cada caso, nos cortes a executar.

Em relação aos Eucaliptos (*Eucalyptus globulus*) é fácil verificar a sua invulgar resistência ao fogo, o que tanto tive ocasião de observar em Figueiró-dos-Vinhos, também um ano após o fogo, como na Serra de Sintra, cerca de três meses depois; o vigor com que rebenta, cobrindo-se o tronco de alto a baixo de rebentação nova, demonstra a sua extraordinária vitalidade.

Quanto à vegetação espontânea, na área do fogo de Figueiró, podia-se observar a presença da gramínea *Agrostis setacea* como a única planta herbácea que teria conseguido desenvolver-se à vontade durante o ano que mediou entre o fogo e a minha visita ao local. Além dela só o tojo (*Ulex* sp.) revelava uma certa reacção, representada pelos rebentos que se podiam ver entre os ramos carbonizados.

Em Sintra, a primeira planta a aparecer, depois do aparente extermínio de toda a vegetação, foi o feto (*Pteridium aquilina*), elevando-se vigorosamente acima da camada de cinzas que cobria o terreno, como mostra a fotografia a propósito, tirada pouco mais de um mês depois do incêndio.

E também ali era já nessa altura notável a reconstituição do carvalho negral (*Quercus pyrenaica*), assinalada pela exuberante e rápida rebentação a partir da base dos troncos queimados.

Um pelo menos dos problemas que foram tão superficialmente apresentados neste artigo, está a ser, como disse, objecto de um estudo feito com o indispensável pormenor; é o caso da entomo-



fauna subcortical encontrada nas árvores queimadas.

Mas de quanto se divulgou, só o que terá interesse para o leitor é o fundamento com que se aconselha a aplicação prática, tão rápida quanto possível, nas matas queimadas, das medidas de Higiene Florestal adequadas, as quais se resumem ao corte e descasque de todas as árvores cuja intensidade da queima sofrida o justifique.

O limite a estabelecer para essa solução pode ser dado pela folhagem; só quando este se mantenha verde e erecta, com o aspecto normal, a árvore terá ainda, na maior parte das vezes, possibilidade de manter a sua resistência normal, mas mesmo assim, embora não se aconselhe o seu corte imediato, não se deve deixar de manter uma cuidadosa vigilância durante algum tempo, procedendo-se ao seu corte e descasque logo que se verifiquem quaisquer sintomas iniludíveis de ataque.

\* \* \*

Enquanto o problema dos fogos não for considerado com a profundidade e amplitude indispensáveis não é fácil conseguir alcançar a sua solução; mesmo nas matas do Estado, onde existem alguns recursos para os evitar e combater, mesmo aí ainda estamos muito aquém do que seria para desejar.

Importa organizar dentro dos Serviços Florestais um departamento que se dedique exclusivamente ao seu estudo, e abrir a oportunidade no Ensino Superior Florestal para que possa ser feito o ensino da matéria especializada a propósito.

Manter a situação actual, depois do aviso do ano findo, é ficar indiferente perante uma das maiores calamidades que assolar uma região, cujas consequências muitos as sentiram da forma mais amarga.

Se Portugal caminha para vir a ser um País florestal, tem necessariamente que procurar defender-se do maior inimigo da floresta, o fogo.

Ainda há bem pouco tempo, em plena Assembleia Nacional, alguém chamou a atenção dos Poderes Públicos para tal flagelo da Agricultura, e reclamou as medidas julgadas necessárias para se resolver o problema técnico consequente.

O meu apelo não é assim mais do que um éco, um éco dessa voz e de todas as outras que sofreram a angústia de ver destruir em poucos minutos a expectativa de anos de uma rara melhoria do seu já tão baixo nível económico.

Perdidos os pinheiros, perdeu-se para muitos o próprio pão.

Fotografias do Autor



Renovação de fetos na Serra de Sintra, pouco mais de um mês depois do fogo (Setembro, 1962)

# MILHARADAS

Por LUÍS BIVAR  
Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2489, pág. 135)

**A** FINAL dou o dito por não dito. Tinha prometido que, desta vez, atacaria logo de princípio o assunto em causa; mas, pensando melhor resolvi outra coisa.

É que cheguei à conclusão de que, antes de tratar das milharadas, convinha fazer umas breves considerações sobre as forragens em geral.

Queiram pois desculpar mais esta pequena demora.

Conforme em tempos aqui disse, uma das correntes modernas inclina-se para o pascigo. Se a mão-de-obra é tão cara e tão difícil de arranjar, a ponto de se ter evitado os criados de mesa, estando a abrir-se cada vez maior número de restaurantes *self-service*, porque é que os bichos não hão-de ir buscar a sua comida aos campos?

Há porém quem pense que dá mais resultado alimentá-les à manjedoura.

E há, finalmente, quem arranje um termo médio; a comida, em silos trincheira ou silos torre especiais, encontra-se à disposição dos animais, que a vão buscar quando quiserem e na medida das suas necessidades.

Para o sistema de pascigo opta-se pelas pastagens bienais e vivazes.

E, assim, evita-se muita mão-de-obra e despesa porque, além de não haver a operação da ceifa, a preparação do terreno e a sementeira só se fazem de dois em dois anos ou com intervalos ainda maiores.

Há porém, o reverso da medalha.

Se os trabalhos e despesas não são muito grandes, o mesmo acontece, também, com as produções.

E, assim, uma boa terra, com uma erva

hoje muito em voga, a *Dactylis glomerata*, poderá com toda a facilidade produzir 40, 50 ou até 60 toneladas de erva verde, e a forragem aguentar-se-á vários anos, apenas necessitando de algumas adubações de cobertura.

Mas se em vez dessa forragem formos para o milho (milharada) seguido de outras forragens anuais, obteremos produções muito maiores.

Assim, se tivermos uma terra de lima, o azevém poderá dar umas 30 a 40 toneladas de verde; e com a milharada obteremos, normalmente, 60 a 70 toneladas duma forragem cujo valor alimentar será bastante superior ao do azevém ou da *Dactylis glomerata*.

Resumindo, poderemos dizer, pouco mais ou menos:

*com a forragem vivaz (Dactylis glomerata) obtem-se, anualmente, cerca de 4 a 6 000 U. F.:*

*com as forragens anuais (azevém + milharada) arranjam-se, com facilidade, para cima de 12 a 15 000 U. F.*

e, agora, que me perdoem os entendidos uma pequena explicação: a U.F. (unidade forrageira) é a energia, produzida por um alimento, equivalente à que seria obtida com 1 quilo de cevada em grão.

Se a terra, embora fértil, não for de lima, poderá, em vez do azevém, levar um trevo anual (por exemplo o encarnado) ou, o que será melhor, uma ferrã, que se procurará que seja o mais equilibrada possível; e em geral, os resultados serão sensivelmente os mesmos, senão melhores.

Por qual sistema nos devemos então inclinar?

Aqui, como em tantos outros casos, o que interessa, sobretudo, é o lucro, o maior lucro.

Haverá que fazer contas ao preço por que nos fica a forragem vivaz e as forragens anuais, acrescido este, nas segundas, com as despesas da colheita, a preparação (ensilagem) e a distribuição.

Estas contas, como é óbvio, variarão muito de terra para terra.

E ainda haverá que atender a outras condições um pouco mais complexas.

Assim, por exemplo, o azevém e sobretudo a silagem da milharada podem ficar bastante mais caras do que a erva pastada mas, no entanto, serem preferíveis, por se necessitar de alimentar um certo número de cabeças de gado que, se não for atingido, não dará lucros compensadores.

Que cada um dos interessados faça, pois os seus cálculos. Ou, o que ainda é melhor, que se ponha em contacto ou que entre para os *Centros de Gestão*, uma palavra muito feia mas que designa uma grande ideia.

Graças a essa tal *Gestão* fica-se a saber, nos nossos negócios, se as coisas correm bem ou mal, e procura-se encaminhá-las da melhor forma possível.

E, a propósito da questão económica, ainda tenho mais umas considerações a fazer, pelo que me cumpre pedir novas desculpas.

Em geral o que o agricultor procura obter é o maior número de unidades forrageiras ao mais baixo preço; tudo o mais é secundário desde que, evidentemente, o alimento não faça mal aos animais e não seja muito desequilibrado.

Que importa que determinada forragem seja rica em certos sais ou vitaminas se ela nos ficar mais cara do que as usuais? Não será melhor empregarmos alimentos baratos e juntarmos-lhes os sais e as vitaminas que por ventura lhes façam falta?

Notem os meus caros leitores, que tive o cuidado de usar a forma interrogativa.

É que, aqui para nós, não sei bem se as coisas são realmente assim ou se haverá umas diferenças.

Aqui há uns anos, encontrando-me entre vários especialistas, fiz, entre outras, a seguinte pergunta, mais ou menos nestes termos: os sais minerais que a indústria produz poderão substituir satisfatoriamente, na alimentação do gado, certos elementos que as forragens lhes fornecem ou devem fornecer?

Infelizmente não consegui uma resposta categórica, o que me penalizou, amigo como sou das inovações.

É que, no caso afirmativo, não nos tínhamos de preocupar com o facto de esta ou aquela forragem ser pobre neste ou naquele elemento. Ia-se às casas comerciais, compravam-se as drogas que os contivessem e misturavam-se nas tais forragens, desde que elas, sob os outros pontos de vista, fossem boas.

Quanto a um elemento muito importante, o fósforo, já é prática corrente juntá-lo às forragens, adicionando-lhes uns 200 gramas de fosfato Tomás por cada cabeça de gado bovino e por dia.

Mas o pior é que, nos alimentos, além deste e de outros elementos contidos nos *sais de baixo coturno*, chamemos-lhe assim, há uns *ácidos e sais de elite* que foram descobertos há pouco: as *vitaminas*.

E além das *vitaminas* há ainda as *hormonas, auxinas* e não sei se mais outras coisas mal conhecidas.

Quanto a vitaminas em pacotes, arranjam-se, melhores ou piores. Mas quanto às hormonas, auxinas, etc., parece que o caso já é mais complicado.

As hormonas, pelo menos, *fazem-se*. Já nesta revista disse, há bastante tempo, que, na Farmacopeia, se usam hormonas sintéticas e que, segundo se afirma, algumas produzem, nos doentes, melhores efeitos do que as naturais; mas, como elas não têm aparecido nos alimentos para os animais, suponho que ficam ainda muito caras ou que não são de fácil aplicação.

Felizmente parece que, nas forragens usuais, o gado sadio, salvo o suíno, encontra mais ou menos tudo aquilo de que precisa, e, pelo menos para os bovinos, não há necessidade de recorrer à botica.

E, posto isto, ponhamos um ponto final, definitivo e irrevogável em toda e qualquer divagação, para entrarmos a fundo nas milharadas.

Segundo um autor francês, parece que, no assunto, se atingiu o máximo de perfeição (a minha opinião é um pouco diferente).

Longe vão os tempos em que as milharadas se semeavam às três pancadas, com o terreno mal preparado e mal adubado, a lanço e bastas como cabelo.

Hoje uma milharada cultiva-se quase com o mesmo esmero que o milho para grão, devendo até ser semeada com híbridos, muito embora haja uma despesa inicial bastante maior.

Outrora o que se pretendia era obter em pouco tempo uma *boa* massa de forragem, sem atender à sua qualidade.

E, assim, as milharadas tinham quatro grandes defeitos:

1) Essa massa de forragem não era tão *boa* (por *boa* entendia-se muito grande) como as de agora; hoje atingem-se facilmente 70 a 80 toneladas, sobretudo se juntamente com o milho semearmos feijão ou outra leguminosa que lhe revista o caule (o tal autor francês ainda não fala nisto).

2) A milharada não só era menos produtiva em quantidade aparente mas também em quantidade real; de facto a maior parte da sua substância era constituída por água.

3) A sua matéria seca além de ser menos abundante era muito menos alimentícia do que a das modernas milharadas.

4) E, finalmente, essa matéria verde e aquosa era muito laxativa, sendo, portanto, prejudicial ao gado.

Hoje, como disse, a técnica é muito diferente, mas, note-se, só ainda há pouco tempo é que se atingiu aquilo que se considera o máximo de perfeição.

Começou-se por se verificar que a milharada devia ter espigas e que, para isso, era necessário preparar bem o terreno, adubar abundantemente e não semear basto, para que as plantas se pudessem desenvolver; e dizia-se que a milharada se devia cortar só quando os grãos atingissem o *estado leitoso*.

Depois, chegou-se à conclusão de que esse grau ainda não chegava e que os grãos deviam estar no *estado pastoso*, já

sem líquido leitoso mas ainda a poderem-se esmagar.

O alcance desta descoberta foi enorme. E, para o provar nada melhor do que deixar falar os números.

Verificou-se em França que, em 15 dias (passagem do estado leitoso para o pastoso), 1 ha de milharada conseguia produzir um aumento de 2000 a 2500 U.F.

E, para os leitores menos enfronhados no assunto, direi que essas 2000 a 2500 U.F. representam um lucro de 1.800\$00 a 2.000\$00, se nos basearmos nos cálculos feitos por um colega meu, para o Minho.

Infelizmente, conforme diz o ditado, *não há bela sem senão*. E a milharada não tem um, mas vários *senões*. Citarei apenas os dois principais.

Se a semente é mais barata do que a das ferrãs, a adubação e preparação do terreno são mais caras.

E, como se tem de guardar e não se pode secar como o feno, o remédio é ensilá-la, o que acarreta uma boa despesa.

No entanto é um óptimo elemento, a bem dizer um indispensável elemento na pecuária moderna de certas regiões, como a do Minho.

A milharada fica um pouco mais cara do que outras forragens usuais, mas, sabendo-a empregar, dando-a só a bons animais, transformar-se-á em grandes lucros.

E assim como um cavalo de corrida come alimentos caros, também os bons bovinos produtores de carne devem dispor, na sua ração, de alimentos um pouco mais caros do que o azevém e a palha de milho.

Vamos pois para as milharadas... enquanto se não descobrir outra coisa melhor!

Uma revista francesa já põe as suas dúvidas e dá a entender que talvez seja melhor colher o grão, para forragem, do que ensilar a milharada.

Mas, ou porque a inteligência me falhe ou porque as condições na França são diferentes das nossas, o certo é que não percebo tudo o que o autor quer dizer.

Com mais vagar, vou procurar *digerir* o artigo. E, se o conseguir, é natural que ainda aqui volte a falar nas milharadas.

## Começando pelo princípio

# A acção da família sobre a evolução da juventude

Por DUÍLIO MARQUES

Eng. Agrónomo

### III

**A**S comunidades fechadas, correspondem, muito vulgarmente, famílias fechadas, ainda presas a conceitos mais ou menos medievais.

A autoridade que algumas vezes exclui o racicínio, se é disciplinadora, torna-se frequentemente cega e inconveniente; o domínio do jovem cria submissão mas não aceitação, na medida em que deixa de ser racional.

A família que não progride no campo social, é também estática, técnica e profissionalmente. A sua agricultura, por certo arcaica, agarra-se a velhos moldes e coloca-se no caminho de sossobrar, a menos que área excessiva, arrendamentos favoráveis ou larga percentagem às florestas acompanhadas do sentido de economia, consigam protelar uma agonia certa para além do período de vida dos chefes das explorações.

Os jovens, vítimas de tal ambiente, pensam e actuam como vêem, aceitam a prepotência paterna, fazem-se eco das ideias que ouvem, e sentem-se bem, assim. Vivem atrasados 200 anos e nem a saída para possíveis estudos ou trabalho, os transforma, mais que aparentemente, pois logo que podem, voltam ao seu meio e aos seus hábitos. Alguns, naturalmente reagem, e passam então a ser a antítese do que foram os pais, tornando-se, tantas vezes, maus elementos.

Este o género da família patriarcal, felizmente, cada vez, menos comum já, entre nós.

Numa segunda posição encontra-se o agregado em vias de evolução, que age à moda à antiga, mas se considera de certo pouco moderno, fala em coisas novas, diz que breve as fará, enuncia projectos, faz contas mais ou menos de cabeça... e, deixa correr, mais um dia, tudo na mesma, esperando que no dia seguinte possa realizar mundos e fundos.

Aqui, o jovem já pode opinar, aprecia-se-lhe a ideia, revê-se o pai no rebento, mas... não o deixa tomar uma atitude, «porque está ainda muito verde». Fora de casa, em contacto com outros, ele poderá realizar, e, com o tempo, envenenados os pais, chega mesmo a fazer algumas tentativas, a tomar certas medidas revolucionárias... É um elemento aberto, se de qualidade.

Por fim o agricultor progressivo, o que pensa e sabe o que quer; que lê e digere, que consulta e discute; o que sabe o que ganha ou perde e é capaz de rever a sua exploração, atirar fora com o que conclui lhe não interessar, fazer o que julga melhor; o que não teme um investimento que estudou e conclui rentável e se arrisca a contrair um empréstimo, se necessário, porque sabe quando e como o pagará.

Os filhos são os seus colaboradores.

Jovens ainda os chamou à discussão dos problemas que a todos interessam; ouviu respeitosamente as suas palavras talvez rodeados de optimismo e até de sonho; chamou amigamente à realidade, aproveitou uma sugestão, deu um conselho; teve coragem para modelar o sonho sem desejar matá-lo. Desde muito novos, fez dos filhos, seus camaradas, aceitando-os como homens, deixou-lhes o entusiasmo, aproveitou-lhes a vontade.

Estes, os agricultores que nos faltam generalizadamente, mas que, graças a Deus, já existem por essa terra dura, serpeando entre as pedras, que na partilha do mundo nos veio a caber, talvez para pôr à prova a nossa faculdade de sofrer.

Ouvimos, ainda recentemente, o dr. G. P. Hirsch, opinar quanto à maléfica influência da família na preparação dos jovens para o desempenho do difícil mister agrícola e logo fizemos tenção de meditar sobre a frase e vir a público com o nosso ponto de vista, desde logo menos drástico.

Pelos três tipos que citamos se poderá concluir que aceitamos que a influência dos pais sobre os jovens, pode ser inconscientemente pernicioso nuns casos, mas, da mesma forma, altamente benéfica noutros. E mais ainda, rebatendo o professor citado, que a educação agrícola desses jovens, se tem que sofrer o impulso de forças exteriores à família, para lhe dar largura e altura, terá sempre que basear-se na assistência permanente dessa mesma família, que nada, nem ninguém, poderá substituir. Ela tem o seu lugar na formação dos jovens, ao criar as suas altas qualidades morais, o apego ao trabalho, o chamamento à realidade, a integração no meio rural; e é ela ainda que os abre para a técnica agrícola da mais antiquada à mais evoluída.

Mais fácil é, ao técnico responsável por um concelho, fazer progressão agrária com o filho do agricultor evoluído, mais difícil com o do retrógrado.

Mas, com um trabalho de bom nível, aquele que parte do nada, se mais difícil a arnacar, pois necessita de uma mentalização prévia, pode evoluir mais do que outro que já conhece uma agricultura de certa dimensão. Apenas, a pequena progressão do segundo, deixa-o mais alto

que a grande do primeiro. É uma questão de relatividade.

De qualquer forma, um agricultor pouco aberto, que tendo os seus filhos no mesmo ponto, pode tê-los formado bons homens, justos e humanos, o que mais importa; que com homens bons, progressivos ou não, será sempre possível abrir um caminho, seguir uma rota.

Responsável sim, a família que querendo continuar estática, inibe os filhos se assim o desejarem, ou porque alguém lhes fez o chamamento, de seguirem uma preparação diferente e manterem contacto com outros jovens mais evoluídos, ainda que saibam que jamais poderão ensaiar novos princípios na casa paterna.

No momento, e a menos que os jovens dos meios rurais não saibam ouvir tantos técnicos e tantas forças dinâmicas, associações agrárias, católicas ou não, acabam sempre, ao menos por mera curiosidade, por estabelecer camaradagem com outros jovens e por tomar parte numa experiência de associação, qualquer que seja o seu fim.

Essa associação, se pode ser um club desportivo, uma organização religiosa ou artística, pode também ter um fim de progressão técnica agrícola.

A habilidade estará em ser suficientemente subtil para interessar os mais desconfiados ou arredios, fazendo-os participar no movimento geral.

O trabalho tem dificuldades, é lento, arrastado, desanimador, em tantos momentos, mas se soubermos querer, se tomarmos os fracassos e os escolhos como incentivo, chegaremos a bom termo.

Quem tem a certeza que está no bom caminho e julga saber como deve trilhá-lo, não teme os insucessos.

Até os pais mais fechados são susceptíveis de «achar graça» a uma actividade agrária juvenil. Nesse momento entraram a colaborar, começaram a abrir-se.

Depois, a confiança nos mentores do meio rural, o pároco, o professor primário, o médico, o técnico agrícola, fará o resto.

Preparemo-nos assim para pôr a trabalhar o nosso grupo de jovens rurais, dentro de normas que não se inventam, mas que podemos aprender na experiên-

(Conclui na pág. 178)

# Trabalhos

em

## Março

---

### NOS CAMPOS

---

Continuar e concluir tão breve quanto possível, aproveitando o bom tempo para a preparação das terras e para as sementeiras e plantações do mês lavrando, enterrando estrumes e incorporando adubos e correctivos aconselháveis.

Semear cereais previamente desinfectados: de pravana de Primavera (trigo tremês, seródio ou fino, aveia, centenico ou centeninho e cevada); milho temporão; arroz, nos lugares mais quentes; legumes (amendoim, ervilha, ervanço, chicharo e gero, lentilha e soja); forragens (luzerna, trevos branco e violeta, erva molar e língua de ovelha); e plantas têxteis (cânhamo e algodão) e açafão.

Plantar batata de sequeiro e topinambo (tubérculos e rebentos).

Para a correcção da excessiva ligeireza das terras arenosas ou demasiada compacidade das argilosas, preconiza-se muitas vezes a mistura, respectivamente, de argila ou materiais arenosos. Porém, se é fácil dizê-lo não o é fazê-lo, para mais se, para passar da teoria à prática, se mete pelo meio a economia. A mistura destes materiais será admissível se os materiais correctivos, areia ou argila, se encontrarem a pouca profundidade da camada arável, de modo que a mistura

seja praticável apenas com o aprofundamento da lavoura.

De qualquer forma, as correções mais convenientes são sempre aquelas que se fazem, através da fertilização orgânica e química.

---

### NOS OLIVAIS

---

Adiantar a poda para não perturbar o recomeço da actividade vegetativa, reservando para estacas todos os ramos aproveitáveis — mais são, mais grossos e mais direitos, e ainda troços de pernadas.

Limpar, de musgos e líquenes, troncos e pernadas com raspadores e escovas de arame e piaçaba e aplicar-lhes calda férrica forte, pelo menos a 7-10 o/o e 3,5-5 o/o ou barrela de cinza e cal a 5 o/o de cada produto.

Plantar agora, ao máximo, especialmente nas zonas mais frias, se o tempo amaciar, tendo o cuidado de estacar e proteger contra inimigos.

Decruar onde não haja consociação de Outono e estravessar onde já se tenha decruado, com charrueco, charrua de deslavre, grade de molas, etc.

Continuar a adubar ou aplicar correctivos, tendo presente que a oliveira é uma das árvores que retribuem mais generosamente.

---

## NAS VINHAS

---

Terminar a poda nas zonas mais frias e nos sítios que sejam mais atreitos a geadas tardias.

Intensificar a empa, aproveitando a subida da seiva que muito facilita a gemedura.

Enterrar os adubos e correctivos com as mobilizações do terreno, incluindo os cevalhos de leguminosas, desde que estejam suficientemente altos e ainda que não em floração, aplicando ao mesmo tempo gesso nas terras pobres de cal para facilitar a decomposição.

Ter sempre presente que o emprego de estrumes verdes é contra indicado em zonas onde sejam de temer verões secos.

Adiantar as plantações e as renovas ou retanchas.

Enxertar com as castas mais apropriadas, recorrendo às colecções oficiais, que oferecem todas as garantias para a obtenção de garfos.

Cavar ou lavar por tempo enxuto, empregando nas vinhas alinhadas e suficientemente afastadas, o conhecido charueco, que faz serviço expedito e satisfatório.

---

## NOS POMARES

---

Concluir a poda das fruteiras de pevide, e das figueiras e adiantar as de espinho. Terminar também a limpeza — as raspagens e as aplicações das caldas apropriadas e que o estado sanitário do pomar aconselhar.

Adubar, com adubos apropriados, as diversas fruteiras, especialmente as de pevide e as figueiras, havendo possibilidade, e, pelo menos, aplicar às laranjeiras cal em pó ou ainda em leite.

Terminar a plantação das várias fruteiras, sobretudo as de pevide, e a de figueiras, e continuar a das citranjeiras (laranjeiras, limeiras, limoeiros, tangeri-

neiras e torangeiras. Não esquecer as adubações de fundo à plantação.

Mergulhar marmeleiros e macieiras e alporcar os citrinos.

Aplicar estacas ou tutores às árvores novas para crescerem direitas, protegê-las com uma capa de palha, etc., contra os utensílios da lavoura e o dente dos animais.

Enxertar as prumagens e as árvores adultas de má qualidade — pereiras, macieiras e anoneiras.

Aplicar, às laranjeiras e similares emulsões oleosas depois da floração.

---

## NOS VIVEIROS

---

Semear ainda as sementes estratificadas de amendoeira, ameixoeira, cerejeira, damasqueiro, oliveira.

Plantar estacas de ameixoeira, figueira, marmeleiro, macieira, oliveira, e, ainda, videira.

Enxertar videiras (na mão ou no chão) e outros padrões semeados ou plantados no ano anterior, empregando os conhecidos, e fáceis de preparar, unguentos que aumentam ou facilitam o pegamento.

Sachar ou mondar os canteiros povoados do ano transato e picar, quando o tempo se apresentar seco, os das sementeiras do mês anterior.

Nos viveiros florestais: proceder ao transplante das árvores, dando-lhe o compasso conveniente — 10 a 15 cm às resinosas do 1.º transplante e os espaçamentos convenientes às folhosas, consoante a idade e desenvolvimento.

Proceder às podas radiculares quando dos transplantes. Proceder igualmente às podas de formação e limpeza quando necessárias.

Preparar com cuidado as terras para as sementeiras de Primavera e nas regiões mais quentes começar com a sua execução.

Semear, em canteiros devidamente preparados, coníferas ou resinosas — abetos, cedros, ciprestres ou cupressos, lari-



cio, pinheiro de Alepo, da Áustria, silvestre, sequóias, taxódio ou cipreste da Luisiânia, teixo e tuia; folhosas — amoreira, acácias, austrália, bordo, eucalipto, plátano, robinia, palmeiras — areca, coqueiros, chamaerops, fenix, quencia.

Proteger, pelo menos durante a noite, os canteiros das sementes mais delicadas.

---

## NAS HORTAS

---

Continuar a preparação do terreno com cavas ou lavras, adubações e correcções fortes.

Vigiar as camas quentes para as arejar se o tempo aquecer, levantando os caixilhos ou as coberturas (esteiras ou colmados); e ventilar também os tepidários de papel ou vidro.

Semear: em viveiro, — no chão, cebola ou cebolinho (alfaces, acelgas, cardos, couves — flor, galega, portuguesa e couvão, repolhos, nabiças, beterraba, escorcioneira); em cama quente, beringelas, pimentos, quiabos, tomates; em vasos, para ulterior transplantação, abóboras, cabaças, pepinos, melões.

Semear, em lugar definitivo: ervilha, fava precoce, feijão, cenouras, nabos temporãos, rabanetes, espinafre e ainda abóboras, cabaças, melões, pepinos.

Pôr a grelar batata comum em grades e batata doce em cama quente.

Plantar alhetas (chalotas), tubérculos (batata e tupinambo), verduras, (acelga, alface, couves — galega, flor, repolho, penca da Póvoa e portuguesa, alcachofras, espargos e morangueiros).

Plantar, para semente, cebolas, cenouras e beterrabas.

---

## NAS MATAS

---

Semear, em lugar definitivo: pinheiros bravos, mansos e silvestres.

Terminar as plantações.

Procede-se à resinagem dos pinhais.

Continua a apanha e extracção de semente de pinheiro bravo.

---

## NOS MATOS

---

Semear ainda matos melhoradores, como as giestas, o piorno, o tagassato e os tojos, com os cereais de Primavera, ou estremes, em terreno livre ou nas clareiras dos existentes, aplicando uma adubação fosfatada.

Continuar a roçar, para a produção intensiva de estrumes.

Aplicar gesso em cobertura em seguida ao corte, sobrevivendo chuva.

---

## NAS ADEGAS

---

Continuar o engarrafamento dos vinhos.

Atestar vasilhas ou preencher os vasos de gás sulfuroso, pelo menos com mechas ou com misturas de ácido tartárico e metabissulfito.

Efectuar ainda alguma trasfega em atrazo.

---

## NOS CELEIROS

---

Arejar para evitar o aparecimento do mofo.

Padejar para que os grãos não aqueçam com a elevação da temperatura e para que se não desenvolva a traça ou papinha e o gorgulho.

Aplicar os melhores insecticidas do mercado, para combater o gorgulho, que

provoca grandes estragos. Defender dos ratos pelo emprego da conhecida cebola albarã ou dos vários raticidas do comércio.

---

## NOS ARMAZÉNS DE AZEITE

---

Passar a limpo o azeite que esteja descoalhado ou filtrando-o, o que é preferível.

Submeter as borras a aquecimento para lhes separar algum azeite mais grosso, que pode destinar-se ao fabrico de sabão se for elevada a sua acidez.

Fabricar sabão com as borras antes que sofram maiores alterações.

---

## NO APIÁRIO

---

É regra geral visitar as colmeias pela primeira vez, nos princípios de Março. Nesta primeira visita deve prender-nos a atenção a presença da mestra, a quantidade de provisões e o espaço que a colónia tem à sua disposição.

Para verificar a presença da mestra não é preciso procurá-la e vê-la; basta atentar na criação e ovos, que não devem, nesta altura, faltar em nenhuma das colmeias. A existência da criação e ovos é sinal certo da presença de abelha-mãe.

O único engano possível seria o da confusão da mestra com uma obreira-poedeira, para os que observam de leve e à pressa. Tal confusão não é possível se se reparar bem para o feitio dos opérculos que cobrem a criação e para a distribuição dos ovos nas células.

Faltando a mestra, introduz-se uma nova ou reúne-se a colmeia orfã a outra colmeia.

A quantidade de mel reconhece-se com extrema facilidade, mas não deve o observador deixar de registar no livro de notas se a colmeia tem mais o neces-

sário, se apenas o suficiente ou menos do que o estritamente indispensável.

Esta anotação permite-lhe mais tarde, em caso de inverneira prolongada, fazer, sem hesitações, a repartição do que numas sobra pelas outras em que falta, ou então recorrer à alimentação artificial das que se encontrem à beira da morte pela fome, sem poder receber auxilio das companheiras.

Finalmente, outro ponto para que se deve reparar é o espaço à disposição da colónia. Não deve ser insuficiente para o bem estar das abelhas ou grande demais para o estado actual do seu desenvolvimento.

As entradas das colmeias fracas reduzem-se ao mínimo para que a temperatura no interior se conserve em grau favorável ao desenvolvimento da colónia.

Nas visitas subseqüentes, que convém repetir de dez em dez dias, permitindo o tempo, vai-se alargando o espaço, gradualmente, conforme os progressos das colónias, e abertura da entrada. Em certas localidades e em alguns anos de rebentação vegetal mais precoce já nos últimos dias deste mês se faz sentir a necessidade de colocação dos primeiros melários em algumas colmeias mais fortes.

Quando isto sucede, outro trabalho imperiosamente reclama pronta execução, e vem a ser o transvasamento dos cortiços para as colmeias móveis.

Quer feito pelo processo directo quer pelo processo de sobreposição, a sua indicação é formal se não desejar-mos que os cortiços naturalmente enxameiem.

A preparação para a enxamagem principia também numa ou noutra das colmeias móveis mais fortes e populosas, devendo, por isso, ser objecto duma vigilância especial.

Na preparação da papa para as larvas, as abelhas empregam uma quantidade enorme de água.

Providencie cada qual para que ela não lhe falte nas proximidades do apiário, em lugar bem soalheiro e de fácil acesso.

# CRIEMOS PERUS

Por FERNANDO SOUSA SILVEIRA  
Médico Veterinário  
da Estação de Avicultura Nacional

**N**ÃO têm os avicultores dispensado à exploração de perus aqueles cuidados que a criação das galinhas lhes têm merecido. No entanto, a criação de perus, quando feita segundo as técnicas recomendadas é uma actividade compensadora.

É a carne de peru altamente apreciada e o seu consumo está em ritmo crescente por toda a parte, sobretudo nos Estados Unidos da América do Norte.

Apesar de no nosso país o efectivo destas aves ser ainda muito diminuto, pois segundo os números apurados no último Arrolamento Geral de Gados e Animais de Capoeira realizado em 15 de Dezembro de 1955 indicar, nessa data, a existência de 212071 perus, nota-se ultimamente um certo incremento na sua criação

A isso se deve certamente a atenção dispensada pelas entidades oficiais encarregadas do seu fomento e o interesse de diversos criadores pela introdução de alguns bons exemplares exóticos que vieram constituir pequenos núcleos de reprodução, animais de maior rendimento e precocidade do que os que vagueam pelos nossos campos. Está neste caso o peru branco de Beltsville, o qual, em próximo artigo, será objecto da nossa particular atenção.

Contrariamente ao que acontece com a carne das outras espécies avícolas domésticas, que se consomem sensivelmente em quantidades idênticas ao longo

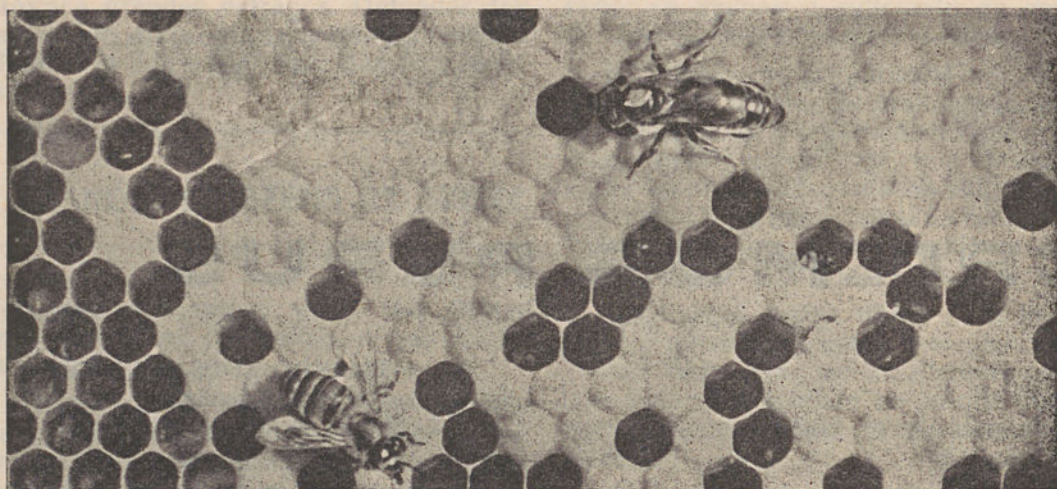
do ano, a dos perus vê o seu consumo grandemente aumentado na quadra festiva da Natividade, podendo dizer-se que, por aquela altura, não há banquete ou refeição mais cuidada em que esta ave não constitua um dos pratos de obrigação.

Para aumentar o seu consumo, os criadores americanos lançaram uma campanha, com óptimos resultados, para estimular o gosto pela carne destas saborosas aves. A campanha «*coma perus ao longo de todo o ano*» poderia ser igualmente lançada também na nossa terra. Estamos em crer que uma propaganda por parte dos seus criadores junto do grande público, tornaria, em curto prazo, mais popular o consumo da carne desta ave.

Dado que no nosso país existem certas regiões em que a criação dos perus é bastante recomendável e tem mais vantagem sobre a criação das galinhas, há que despertar o interesse dos avicultores para a sua criação.

Muito embora os perus se possam criar também em cativeiro como as galinhas, são as regiões de latifúndio onde a sua exploração se pode fazer em regime de pastoreio livre, aquelas em que no nosso país a sua criação é mais aconselhada. Está neste caso toda a planura alentejana, dilatadas zonas do Ribatejo e Beiras, onde estas aves ao percorrerem os montados e os campos após as ceifas,

(Conclui na pág. 182)



## *O* *aprovisionamento artificial das abelhas*

### I-GENERALIDADES

Pelo eng. agrónomo VASCO CORREIA PAIXÃO  
Director do Posto Central de Fomento Apícola

(Continuação do n.º 2487, pág. 71)

c) — *Xaropes*

δ) — *Quantidade*

Convém separar, nesta análise, por um lado a posologia total recomendada para cada forma de aprovisionamento e, por outro, as fracções diárias que lhe correspondem.

§ 1 — Somatório a distribuir no período de aplicação — É geral o acordo dos tratadistas ao afirmarem que a alimentação estimulante, primaveril ou estivo-outonal, deve ser administrada em pequenas doses sucessivas, fragmentárias, lentas, que alguns aconselham se vão progressivamente aumentando com o decorrer do tempo; quanto à alimentação supletiva, complementar, de socorro ou por necessidade, seja primaveril, outoniça ou hiberna, idêntica harmonia se constata ao

declararem, um por todos, que ela deve ser facultada em doses muito abundantes, maciças, sem interrupções e rápidas, em curto prazo.

As razões que se apresentam, para justificar o critério univocamente preconizado em cada uma destas hipóteses, podem resumir-se assim:

a) — Em pequenas doses sucessivas a alimentação artificial é consumida imediatamente, fazendo crer às abelhas que há uma colheita exterior, enquanto, na verdade, não existe ainda cá fora qualquer secreção meligénea; essa convicção estimula a postura numa extensão demasiado grande e assaz precoce. É óbvio, pois, que uma vez iniciada não deve parar súbitamente, visto os insectos necessitarem tanto mais dela quanto a ninhada vai progressivamente aumentando; também não convém fornecer

grandes quantidades de provisões, exactamente para as abelhas as não armazenarem nos alvéolos reservados à criação, prejudicando a actividade da rainha por carência de espaço disponível à instalação dos ovos (Barasc, Layens e Bonnier).

No caso de enxames jovens ou recentemente transvasados, o excesso de provisões, se porventura viesse a ser depositado em favos ainda frágeis, sobrecarregaria estes de peso, fazendo-os correr o risco de quebrarem (Gaget).

Uma inspecção ocasional, de tempos a tempos, impõe-se, portanto, nesta hipótese, para se verificar se as abelhas estão ou não armazenando a alimentação artificial nos favos, cortando o fornecimento em caso afirmativo (Norman Schofield).

b) — Em doses muito abundantes e rápidas as abelhas, não podendo consumir todo o alimento subministrado, operculá-lo-ão depressa, antes que o frio torne esta operação impossível, restringindo ao mesmo tempo a procriação à medida que as células vão sendo cheias; a operculação impõe-se, de resto, para que as provisões não fermentem durante o Inverno, nem elevem em demasia o grau higrométrico na colmeia, prejudicando as abelhas (Lemaire).

A rapidez da operação justifica-se, ainda, para deixar as colónias tranquilas no mais curto prazo, não provocando deposições de ovos fora da estação e, conseqüentemente, o dispêndio das provisões, que devem ser mantidas em reserva, com uma alimentação extemporânea de larvas e jovens abelhas (Malagola e Schofield).

Uma eventual inspecção, nesta hipótese, recomenda-se apenas para determinar a altura de suspender o alimento por absoluta falta de espaço para armazenamento nos favos.

§ 2 — Fracção correspondente ao ciclo de 24 horas — Se pretendermos concretizar, porém, as doses de provisões que diariamente devem ser facultadas às diferentes colónias dum apiário, notaremos já uma certa oscilação no critério dos vários autores, visto tais quantitativos dependerem essencialmente da força dos

enxames e do rigor dos climas a que cada um deles tem circunscrita a sua experiência.

Com efeito, para a alimentação estimulante aconselham eles o seguinte:

1 — C. P. Dadant, meia libra de xarope ou sejam 226,77 gr.

2 — Root, cerca de um quarto de litro diário, porção que as abelhas tomam geralmente no espaço duma hora mais ou menos.

3 — Bertrand, 100 a 200 gr todas as três ou quatro tardes; depois, aumentando a temperatura e desenvolvendo-se a família, elevar os quantitativos.

4 — Layens e Bonnier, doses cada vez mais fortes de xarope, que podem variar de 50 a 250 grs.

5 — Gaget, um copo ordinário em cada tarde.

6 — Lemaire, começa por dar 50 gr de xarope todas as tardes; ao cabo duma dezena de dias passa a dose para 100 gr e, um mês depois para 150 gr, mantendo-a neste valor até chegar a época das grandes secreções meligêneas.

7 — Devauchelle, dá 125 gr de xarope de mel de cada vez.

8 — Canestrini e Asprea, começam com cerca de 50 gr de xarope, aumentando a dose pouco a pouco cada duas ou três tardes.

9 — Malagola dá, cada duas tardes, um quarto de litro de xarope, elevando o fornecimento até meio litro; recomenda também começar com cerca de 200 gr e crescer 50 gr em cada semana, até se atingir o meio litro.

No periodo estivo-outonal, quando se utilize o mosto fervido, o mesmo autor aconselha a administração de um quarto de litro ou até meio litro por tarde, em vez das pequenas doses graduais.

10 — Schofield, uma taça ou copo cheio de xarope delgado cada dois dias,

substituível por xarope de igual medida de água e açúcar, à razão de uma chávena cheia cada tarde ou, ainda, um *pint* de xarope feito com uma *libra* de açúcar em dez *pints* de água.

Para a alimentação supletiva recomendam os mesmos autores o seguinte:

1—Gaget, tudo quanto as abelhas possam consumir durante a noite, para escaparem à pilhagem suscitada pelas sobras que eventualmente ficassem no alimentador.

2—Barasc, 2 ou 3 kg e mais de xarope, se as colónias puderem absorvê-los numa noite.

3—Layens e Bonnier, cerca de 2 kg de xarope de açúcar a cada colmeia necessitada.

4—Zappi-Recordati, não dar mais de 1 kg ou 1,5 kg de cada vez, embora uma boa família seja capaz de absorver numa noite 5 kg de alimento.

5—Malagola, 2 a 3 kg e mais, esclarecendo que um enxame fortíssimo tem absorvido até 6 kg numa noite; os alimentadores, contudo, não devem apresentar resíduos na manhã seguinte, a fim

de se não provocarem desordens no apiário.

6—Schofield, 10 *pints* de xarope em duas remessas ou sejam, ao todo, 5,6 litros; despejada a primeira fracção de 2,8 litros, em dois dias, dá-se-lhe a segunda, normalmente esvaziada, depois, em três dias.

É curioso notar, a propósito, que este último autor não receia que o xarope se mantenha no alimentador duns dias para os outros, ao contrário de Gaget, Barasc e Malagola, por exemplo, os quais, com medo de sujeitar as abelhas à pilhagem, condicionam a dose a subministrar em cada tarde justamente ao quantitativo que elas possam absorver durante a noite; confirmando este modo de ver, quiçá resultante duma maior benignidade do clima meridional, que não entorpece as abelhas em absoluto ou demasiado cedo, Malagola acrescenta até ser preferível, quando se ache insuficiente o quantitativo fornecido a uma dada colónia, voltar a colocar-lhe o alimentador uma vez mais, em lugar de se correr o eventual risco duma redundância, que pode causar sérios dissabores ao apicultor insensato.

Na nossa latitude parece ser este último critério aquele que, efectivamente, a prudência aconselha a seguir.

---

## COMEÇANDO PELO PRINCÍPIO

(Conclusão da pág. 170)

cia própria, já realizada, e na daqueles países que mais cedo começaram e mais adiante e alto seguem.

Por outro lado, o trabalho com os jovens interessará os adultos, fazendo-os inconscientemente evoluir.

Podemos citar como prova, o que ocorreu num grupo de jovens rurais que discutia connosco os seus problemas, apenas uma manhã de domingo, em cada mês.

À reunião dos jovens, começaram a comparecer os homens feitos, que também expunham os seus pontos de vista, davam alvitres e faziam perguntas; primeiro timidamente, depois mais afoitos. Ao mesmo tempo o técnico que assistia

o concelho, passou a ser mais solicitado pela freguesia, que, a breve trecho, o absorvia em maior percentagem que os restantes.

Devemos referir que ao pouco entusiasmo da maioria dos jovens, respondia um deles com uma vontade galvanizadora, uma fé rude mas firme, nos resultados imediatos do trabalho de equipe, medidas pelo aumento dos conhecimentos gerais dos rapazes.

Essa, a força que não pode ignorar-se, para bom êxito da evolução agrária da juventude; a força indomável de um jovem, de ideias abertas, de espírito progressivo, desejoso de ser melhor e de fazer melhor os seus amigos, certo de que valerá a pena saber-se mais e que está ao alcance da maioria, alargar os seus conhecimentos.

Esses rapazes existem.

Vamos procurá-los?

# A arborização da Bacia Hidrográfica do Rio Mondego

Por JOÃO DA COSTA MENDONÇA  
Eng. Silvicultor

**N**UM notável e circunstanciado aviso-prévio o Sr. Deputado Nunes Barata referiu-se em 8 de Janeiro findo, na Assembleia Nacional, à necessidade de se completar a arborização da bacia hidrográfica do Rio Mondego, considerando o repovoamento florestal como elemento relevante no planeamento regional que preconiza para este compartimento geográfico.

Não podemos deixar de aplaudir este parecer, porquanto ele corresponde a um sentimento que desde há muito tempo anima toda a silvicultura portuguesa. Tentaremos justificar porquê.

Começaremos, para melhor ilustração da matéria, e para elucidação das pessoas que, porventura, não estejam familiarizadas com os factos, por proceder a uma breve descrição da região, tal como um técnico florestal a vê e aprecia.

Como toda a gente sabe, o Rio Mondego nasce na Serra da Estrela, a 1425 m de altitude, próximo da Corga das Mós, no alto concelho de Gouveia e percorre 227 km até alcançar o oceano, na Figueira da Foz.

Nos primeiros 43 km, até atingir o Porto da Carne, próximo da estrada que de Celorico da Beira vai à Guarda, é um rio de características torrenciais correndo vertiginosamente em profundos despeñhadeiros.

É curioso observar que corre no sentido de leste, tendendo a ser um simples afluente dos grandes rios ibéricos. Nos campos de Celorico parece resolver-se

pelo Douro. Porém, rapidamente, inflecte, para oeste, descrevendo uma larga curva, assegurando a sua independência e a sua categoria de primeiro rio português nascido em Portugal.

Depois, até Coimbra, corre na planície ou entre cerros e outeiros, por vezes bordejado por terrenos aluvionais, outras vezes ladeado por ravinas. Nesta parte do percurso precisamente recebe os principais afluentes: na margem direita, o Dão; na margem esquerda, o Alva e o Ceira. Finalmente, de Coimbra ao mar, divaga na fecunda planura aluvional.

Ao viajante que percorre a zona um pormenor salta imediatamente à vista; do lado direito do rio estende-se um vastíssimo planalto, que fortuitamente se eleva em pequenos morros e colinas, só ao longe se visando o imponente Caramulo. Em contrapartida, dominando o horizonte, na margem esquerda ericam-se grandiosas montanhas; a Serra da Estrela e seus contrafortes, o Colcorinho, o S. Pedro do Açor, a Serra da Aveleira e a Serra da Lousã. Assim, o Dão, embora recebendo o torrencial Sátão, é um curso de água quase calmo e pacífico. O mesmo não se pode dizer do Alva, que nasce próximo do Mondego, a 1525 m, e na primeira parte do seu curso de 107 km, é um verdadeiro rio de montanha, felizmente em parte dominado pelos homens que dele conseguem extrair valiosa produção hidro-eléctrica. Nas mesmas circunstâncias está o Ceira, que nascendo perto de S. Pedro do Açor e cuja extensão é de

82 km, recebe as águas do Arouce, corrente torrencial na primeira parte do seu curso. Nas duas margens outras pequenas linhas de água entroncam no Mondego, merecendo, no entanto, citação especial as que desagüam no troço final, ou sejam o Carnide e o Arunca.

Em consequência deste condicionamento orográfico, os principais problemas da bacia hidrográfica do Rio Mondego



Serra da Estrela — Vastas extensões de terrenos corroidos pela acção das intempéries, atestam bem as perniciosas consequências da ausência de revestimento vegetal

provêm das serranias situadas na zona marginal sul, enquanto do norte, naturalmente, não surgem dificuldades, tanto mais, que um intenso revestimento florestal auxilia circunstâncias já de si intrinsecamente favoráveis.

Melhor se entenderá, porém, a questão, se estudarmos o aproveitamento do solo no território que estamos tratando, e cuja área é de cerca de 655 mil hectares, ou seja um pouco mais de 7 o/o da superfície total do continente português e que administrativamente abrange a totalidade dos municípios de Soure, Condeixa-a-Nova, Miranda do Corvo, Coimbra, Lousã, Poiares, Arganil, Tábua, Oliveira do Hospital, Santa Comba Dão, Carregal do Sal, Nelas, Seia, Mangualde, Gouveia, Penalva do Castelo, Fornos de Algodres, Celorico da Beira e uma parte

dos de Penela, Penacova, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Cantanhede, Mealhada, Mortágua, Tondela, Vouzela, Viseu, Sátão, Aguiar da Beira, Trancoso, Guarda, Manteigas, Pampilhosa da Serra, Góis, Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Ansião, Pombal e Leiria, nada menos de 40 concelhos.

Segundo os elementos mais recentes podemos avaliar a área arborizada em 280 mil hectares, a área ocupada pelas culturas agrícolas em 270 mil, permanecendo a restante inculta, ou sejam à volta de 105 000 ha, incluindo este valor as áreas sociais — povoações, lençóis aquáticos, caminhos, etc.. Parece-nos interessante anotar que a área inculta foi calculada em 1867 em 230 000 ha (150 000 na margem esquerda e 80 000 na margem direita) e que se reduziu a 120 000 em 1933 (75 000 na margem esquerda e 45 000 na direita). Deveu-se este recuo a um notável progresso da arborização naquele período de 65 anos, devido, sobretudo, a actuação particular, tendo esta acção incidido quase exclusivamente sobre as charnecas situadas a cotas baixas e de declive mais ou

menos suave; as cumeadas das serras e as vertentes alcantiladas praticamente não foram beneficiadas com quaisquer sementeiras ou plantações de arvoredo. Infelizmente, e paralelamente, no período foram arroteados imensos terrenos de absoluta inaptidão agrícola. O decréscimo de 15 000 ha de incultos, verificado de 1933 aos nossos dias, trinta anos, deve-se, fundamentalmente, a um aumento da taxa de arborização.

Não restam hoje quaisquer dúvidas que os incultos actualmente existentes, em boa porção localizados na parte serrana, necessitam de urgente revestimento silvícola, pois, em parte, são praticamente improdutos, dado a sua capacidade pasçigosa ou de produção de matos tender para zero. Mais grave ainda é o problema dos terrenos indevidamente cultivados,



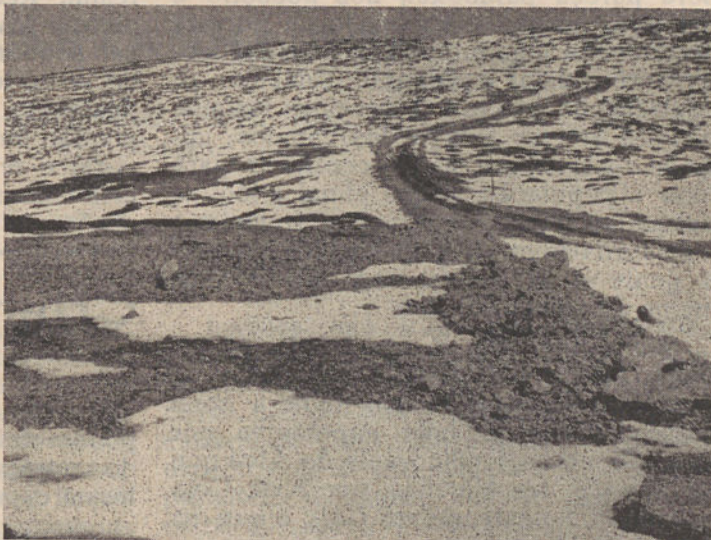
essencialmente, numa formação geológica —xistos e granitos— sobre a qual assentam solos muito vulneráveis à erosão. Boa parte destes solos terão de ser florestados, ou quanto muito relvados, todavia, também nesta hipótese defendidos por compartimentação arbórea. Na área agrícola atrás referida estão incluídos ainda 80 000 ha de oliveais, muitas vezes vegetando em ladeiras de acentuado declive, sujeitas a activa degradação, que será preciso converter em bosques.

Nesta emergência, havendo na bacia hidrográfica do Mondego 100 000 ha de maninhos, 70 000 ha de terrenos erradamente devotados ao cultivo arvense, e também uma elevada percentagem de matas com densidade deficiente, onde se verifica intensa erosão laminar, a que há a somar a vultuosa erosão concentrada que afecta os rápidos cursos de água e ainda uma insistente erosão eólica, que permanentemente, nos estios escaldantes, desgasta as chapadas das serras desprotegidas pela lavoura, não é de admirar que cada vez cresçam mais os seculares prejuízos que o curso do Mondego sofre, e que se avolumam precisamente nas férteis várzeas e veigas, especialmente, nos magníficos campos que da Portela se estendem até à foz.

Aconselha-se, portanto, como medida de correcção e valorização o florestamento de uma área equivalente a mais de 150 000 ha, o que significa alterar a presente taxa de arborização (42 o/o) para um pouco mais de 60 o/o. Todavia, a tarefa, não é fácil, porquanto esbarrará em obstáculos de natureza social e de carácter técnico.

Na realidade, sob o ponto de vista social, torna-se impossível obter de um momento para o outro, em virtude da pressão demográfica que continua a prevalecer, ambiente propício à anulação da cultura do centeio e à reorganização pecuária e pastoril que se impõe, e que são

os principais adversários de uma aceleração do repovoamento florestal. Todavia, o êxodo que se está esboçando, e que tanto atinge já algumas autarquias locais, como por exemplo, Arganil, Góis, Lousã, Miranda do Corvo, Oliveira do Hospital, Pampilhosa da Serra, Penela, Gouveia e Celorico da Beira, exactamente todos os concelhos serranos da margem esquerda, cuja população em 1960 é inferior à de



Serra da Estrela — Zona a valorizar pela consociação floresta-pastagem

1940, ou mesmo Seia, cuja população diminuiu somente no último decénio, parece ser de molde a facilitar as coisas e até a justificar uma mais rápida reconversão silvo-pastoril.

No aspecto técnico, surgem complicações no que se refere à arborização das cumeadas e vertentes alcandoradas, situadas a cotas milenárias, conquanto o recobrimento das estações inferiores não oferece grandes dúvidas, graças à plasticidade do pinheiro bravo e à boa adaptação do eucalipto, este nos andares inferior e médio. No entanto, dispomos de elementos que permitem garantir a defesa das maiores alturas, por intermédio de um arranjo de bosquetes e pastagens, e até, por meio da utilização de arbustos. É uma tarefa complexa, mas não impossível.

Podem algumas pessoas temer que a reorganização cultural que se defende, e

que se meditarmos um pouco veremos que é bem profunda, será susceptível de causar sérias perturbações económicas. Supomos bem que não, até porque a transição terá de ser forçosamente suave, e haverá um sucessivo reajustamento das coisas. Também, de forma nenhuma o produto bruto regional será prejudicado, antes pelo contrário, será acrescido, não só no sector florestal, mas também, embora pareça paradoxal, nos pecuário e agrícola, porque a expansão da floresta determinará uma intensificação da produtividade animal e vegetal. Também, ao contrário do que tantas vezes se insinua, não irá activar a fuga dos campos; julga-se mesmo que há-de contribuir para fixar a população, o que afinal é lógico, porquanto uma vez saneado o meio a vida torna-se muito mais simples e a toda a gente é mais fácil angariar os seus meios de subsistência.

Por outro lado, a arborização contribuirá para a valorização turística da região, determinando em toda a zona características já hoje imperantes por exemplo no esplêndido vale do Alva que de Alvoco das Várzeas, por Avô, Coja e Arganil, se estende até Góis, e que em Portugal só encontrará, possivelmente, paralelo, no magnífico vale superior do Cávado.

Concluindo, em resumo, pode afirmar-se que afinal a rearborização da bacia hidrográfica do Rio Mondego corresponde absolutamente à trilogia ideal que o eng.º Ezequiel de Campos considera como meio excelente de se alcançar a redenção do agro-lusitano ou seja a arborização das montanhas e das planícies pobres, a multiplicação da erva semeada, essencial e integral complemento das possibilidades criadas pelas matas, e o regadio, cujo êxito só é viável quando a montanha verde doma e absorve as águas, conservando-as em condições de eficiente e óptima utilização.

Aliás, as perspectivas são animadoras. Na margem direita e em extensas parcelas da esquerda tudo indica que as entidades privadas hão-de prosseguir o seu esforço de arborização, o qual só se deseja que seja acrescido de um pouco

de melhores métodos culturais nos casos e nos pontos onde este fraqueja. Nos baldios, sob administração do Estado (60 000 ha, dos quais apenas 20 000 estão revestidos), situados nos locais mais inacessíveis e onde a natureza é mais agreste — que por isso mesmo terão escapado a cobiçosa apropriação — tudo indica que não se quebrará o ritmo magnífico que agora anima o Plano de Povoamento Florestal. Restam os terrenos particulares onde a silvicultura não encoraja, por não ser económica, pelo menos sob o ponto de vista de um empresário rural. E, identicamente, aqui não será impossível implantar uma modalidade capaz de assegurar o revestimento vegetal com espécies lenhosas.

---

## Criemos perus

(Conclusão da pág. n.º 175)

podem entrar como aproveitadoras finais do retraço que os outros gados não foram capazes de fazer.

O peru, que taxonómicamente pertence à espécie *Gallus gallus* do género *Meleagris*, é uma ave oriunda do Novo Mundo. Foram os navegadores espanhóis que a introduziram na Europa nos meados do Século XVI depois das viagens de Colombo. No entanto, há documentos do Século XIII que fazem supor que estas aves foram trazidas para a Europa, bastante mais cedo, pelos navegadores escandinavos que nas suas surtidas atingiram as costas do continente Americano.

Muito embora, quando os navegadores espanhóis aportaram ao Novo Mundo tivessem encontrado os perus em fase de domesticação pelos autoctones, esta ave ainda hoje não atingiu o grau de domesticação das galinhas que povoam as nossas capoeiras.

São bastante numerosas as raças de perus, entre as quais, a exploração de algumas se recomenda pelas suas boas qualidades. Das mais conhecidas, em artigos seguintes, nos iremos ocupando.

# Árvores e madeiras de Portugal

## I—CASTANHEIRO

Por ALBINO DE CARVALHO  
Eng. Silvicultor

(Continuação do n.º 2489 pág. 157)

A madeira de Castanheiro, embora apresente características levemente diferentes conforme se trata de árvores *mansas* ou *bravas*, é reconhecida por possuir *cerne* distinto, muito abundante, castanho, mais ou menos escuro, de contorno definido e regular, e *borne* branco-amarelado e estreito. As *camadas de crescimento* são distintas e fortemente marcadas por uma notável banda concêntrica de *poros* grandes. Possui *fio* direito, frequentemente ondeado, sobretudo nas árvores de grande porte. O *grão da madeira* é grosseiro e desigual; grosseiro, pelo grande calibre dos referidos poros de primavera; desigual pela forte heterogeneidade dimensional dos vasos ao longo da espessura das *camadas de crescimento*. Possui *veio* muito decorativo, elemento preponderante na sua valorização como madeira de marcenaria. O desenho que aparece nas tábuas, mais ou menos rico, resulta, fundamentalmente, da nitidez das *camadas de crescimento*, do tipo de *fio* (ondeado) e das alterações localizadas de cor, sob a forma de manchas alongadas ou «veios», originadas, como veremos oportunamente, por acções micóticas especiais. É costume, na linguagem dos práticos, designar «castanho misto» ou «castanho negro» as peças que revelam de forma pronunciada tais características.

Embora não haja, anatómicamente, quaisquer diferenças entre as madeiras de Castanheiro *manso* e de Castanheiro *bravo*, há, pelo menos, diferenças significativas no que respeita a certos grandes aspectos e a propriedades físicas que permitem distinguir, com relativa facilidade, as madeiras dos dois tipos. Assim, por via de regra, a madeira de Castanheiro *bravo* é mais clara do que a de *manso*; aquela é amarela-acastanhada e esta pronunciadamente castanha; naquela, há pequena diferença entre o borne e o cerne (este apenas ligeiramente mais escuro), ao passo que nesta as duas formações são mais facilmente distinguíveis; a madeira de Castanheiro *bravo* é, quase sempre, mais brilhante do que a de *manso*, frequentemente baça.

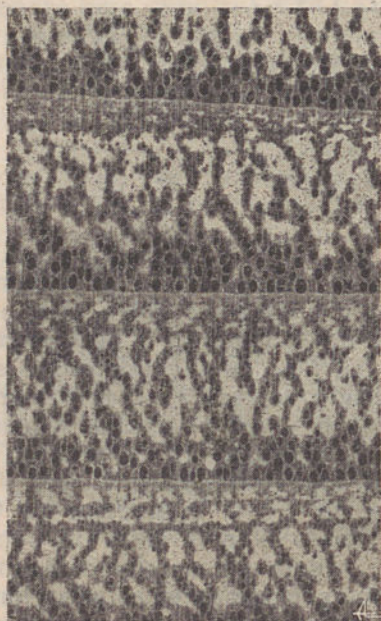
A *textura* ou *grão* é mais grosseira e mais desigual no Castanheiro *manso* do que no *bravo*, decerto em virtude da mais intensa actividade vegetativa que ao longo do ciclo anual revela — copa mais abundante, mais fatigante produção fruteira, etc..

Decorativamente, a madeira de Castanheiro *manso* é mais valiosa do que a de *bravo*, quer pelo mais acentuado desenho das *camadas de crescimento*, quer pela presença muito frequente de «veios» ou «manchas negras». O tratamento cultural diferente a que são sub-

metidas as árvores dos dois tipos em questão, favorece desigualmente a instalação dos agentes causadores das citadas alterações cromáticas.

Diferenças significativas se registam, também, entre as madeiras «novas» e «maduras», mais valiosas sob o ponto de vista estrutural aquelas e mais apreciadas decorativamente estas.

A observação minuciosa da estrutura lenhosa, com o auxílio, por exemplo, de



Aspecto macroscópico do lenho do Castanheiro

uma lupa de bolso, revela que a distinção perfeita das *camadas de crescimento* se deve a uma espessa zona porosa de formação primaveril, nitidamente contrastante com a estival ou outonal imediatamente seguinte, caracterizada por ter poros mais pequenos e em menor número. Com efeito, a *porosidade* do lenho do Castanheiro é tipicamente *em anel*, definida por uma banda de 2-4 poros muito grandes e ovais; na zona de outono, os poros são bastante mais pequenos, solitários e em grupos radiais ou cadeias sinuosas. O *parênquima* é distinto, quer na vizinhança dos vasos, quer formando bandas tangenciais descontinuas.

Os raios são todos finos, indistintos à vista desarmada e muito numerosos.

No esculpido microscópico dos vasos, elementos xilológicos incumbidos da circulação seivosa no lenho vivo, podem citar-se as *perfurações* que, na maior parte, são simples, mas também do tipo escalariforme de pequeno número de barras, as *pontuações* intervasculares alternas e radio-vasculares simples, dispostas em placas transversais, e os *apêndices terminais*, em geral curtos, cónicos, mais compridos nos elementos de outono.

Os raios finos a que se fez referência são todos unisseriados, com 2-15 células de altura.

A madeira de Castanheiro tem certa analogia com a de Carvalho, quer no seu aspecto geral, quer, inclusivamente, na sua estrutura. O parentesco dos géneros botânicos manifesta-se aqui, como em outros casos, por analogia dos planos lenhosos. Assinalam-se, porém, algumas diferenças fundamentais: em primeiro lugar, a madeira de Castanheiro tem duraminização mais precoce do que a de Carvalho e, por isso, as madeiras de Castanheiro, qualquer que seja a sua idade, possuem sempre cerne mais abundante do que as de Carvalho; em segundo, há, na sua estrutura, um elemento decisivo para a distinção dos dois géneros: enquanto que, na madeira de Castanheiro, só existe um tipo de raios, finos e curtos, formados apenas por uma fiada de células, e indistintos à vista desarmada, a de Carvalho apresenta dois tipos, uns semelhantes aos dos Castanheiros, e outros, em menor número, largos e altos, muito distintos a olho nú em qualquer plano. Estes agregados estruturais são responsáveis pelo mais valioso desenho que as madeiras dos Carvalhos apresentam nas superfícies radiais, aspecto denominado «veio espelhado».

A madeira de Castanheiro é, em regra, menos pesada do que a de Carvalho; normalmente, a sua densidade oscila entre 0,500 e 0,700. A influência da forma cultural é decisiva na qualidade da madeira, assim como a idade da árvore produtora. Geralmente, a madeira de Castanheiro *bravo* é mais homogêna na estrutura e mais pesada do que a de Castanheiro *manso*. Por outro lado, também, as madei-

ras provenientes de árvores novas são mais pesadas do que as produzidas por árvores adultas. Nestas, em particular no cerne, o envelhecimento do lenho é acompanhado de uma acentuada dessecação, possivelmente mesmo de um princípio de alteração, factos que originam maior leveza e maior fragilidade. Idêntico fenómeno se verifica nas árvores mortas em pé por agentes patogénicos, nomeadamente pela «doença da tinta». Mais concretamente, a densidade da madeira de Castanheiro proveniente de árvores adultas varia, em média, entre 0,550 e 0,600; nas novas, anda à volta de 0,650; a primeira é, portanto, leve e a segunda medianamente pesada. Estes valores referem-se ao estado seco ao ar.

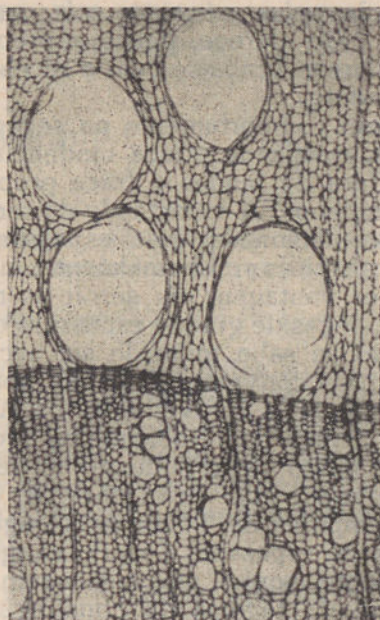
Relacionadas com a densidade e suas variações entre indivíduos de diferentes idades e entre *bravas* e *mansos*, estão todas as outras propriedades: físicas, mecânicas e tecnológicas. Assim, as madeiras idosas são, normalmente, menos retrácteis do que as novas, o mesmo se passando entre as *mansas* e as *bravas*: são, também, menos nervosas, por isso mais apreciadas para trabalhos de marcenaria. A dureza, decisivamente influenciada pela densidade, varia igualmente com a idade e com o tipo de madeira: as maduras e as *mansas* são menos duras (brandas) do que as novas e as *bravas* (moderadamente duras).

No que respeita às propriedades mecânicas, outro tanto se verifica: as novas e as *bravas* têm melhor comportamento aos esforços mecânicos do que as maduras e as *mansas*. De uma maneira genérica, porém, a madeira de Castanheiro apresenta resistência média aos esforços de compressão e de flexão estática; contudo, as novas e as *bravas* são, quase sempre, mais elásticas do que as maduras e as *mansas*, as quais podem mesmo ser rígidas.

Na flexão dinâmica, a diferença é bastante mais significativa: as madeiras novas e as *bravas* são, geralmente, mais resistentes a este esforço, razão pela qual podem utilizar-se e são correntemente empregadas em manufacturas sujeitas a choques violentos (tanoaria e cestaria); as maduras e as *mansas* são, em regra, bastante mais frágeis.

Por fim, a coesão transversal das madeiras é também decisivamente influenciada pela idade e pelo tipo: as novas e as *bravas* têm tensões de rotura à tracção perpendicular e ao fendimento superiores às das maduras e das *mansas*.

A origem da madeira afecta ainda, de modo acentuado as características físico-mecânicas e tecnológicas do castanho. A influência é, sobretudo, devida à velocidade de crescimento das árvores produ-



Microfotografia da secção transversal do lenho do Castanheiro

toras, facto que se reflecte, de maneira mais evidente, nas madeiras de árvores novas. Com efeito, verifica-se, por exemplo, na indústria de cestaria, que as madeiras de Castanheiro *bravo* provenientes das regiões de Alcobça e de Monchique são, em regra, mais elásticas e mais fáceis de trabalhar do que as produzidas pelos castinçais de Portalegre, Fundão, Chão de Couce, etc. E a elasticidade é, efectivamente, uma característica fundamental para a manufactura em questão. Experimentalmente pode confirmar-se o conhecimento empírico acima referido: ensaiando madeiras *bravas* da região do Oeste (Alcobça e Bombarral) e da região de Bragança, obtiveram-se resultados

substancialmente diferentes, sobretudo na que respeita à densidade, à contracção volumétrica, à rigidez, ao fendimento e à tracção transversal. Todas estas características são menores nas madeiras do Nordeste do que nas do Oeste, salvo no que se refere à rigidez, uma vez que a respectiva cota daquelas é quase dupla da destas, denunciando bem a diferente natureza de ambas e a distinta aptidão para a finalidade requerida.

A madeira de Castanheiro é de fácil laboração pelas máquinas e ferramentas usuais. Não oferece, por isso, problemas particulares. Acaba-se bem e recebe bem o polimento.

O seu comportamento na secagem é regular, revelando pouca tendência para a abertura de fendas e fraca propensão para empenos. A velocidade da secagem está condicionada pela espessura das peças serradas. Normalmente, não há qualquer vantagem em serrar as madeiras em peças de grande espessura que de antemão se sabe terão de ser seccionadas. Antes convém definir, no momento da serragem, os aproveitamentos. A informação acerca da velocidade da secagem ao ar é muito vaga, podendo, entretanto, asseverar-se, com fundamento, que a regra empírica de 1 ano de secagem ao por cm de espessura é muito exagerada. É evidente, porém, que a secagem ao ar depende da técnica de construção das pilhas, da sua protecção e da época do ano em que se procede ao empilhamento. Pode adiantar-se, confirmando o que acima se disse, que em ensaios realizados com peças de cm de espessura de Castanheiro *manso*, empilhadas no Inverno e espaçadas 4 cm, se conseguiu, sob coberto, ao fim de seis meses, uma secagem da ordem dos 18%. Estes resultados foram, de resto, muito semelhantes aos obtidos com a madeira de Carvalho nas mesmas condições.

A durabilidade natural da madeira de Castanheiro pode considerar-se elevada, para o cerne. O borne tem fraca duração, sendo prontamente destruído por vários xilófagos. Este facto pouco representa em seu desfavor, uma vez que se trata de madeiras naturalmente muito cerneiras.

A impregnação com produto anti-

sépticos é difícil no cerne, mas acessível no borne; é uma compensação natural para a sua menor resistência intrínseca.

Provavelmente, a causa mais grave de desvalorização da madeira de Castanheiro é a podridão que, com extraordinária frequência, desorganiza o cerne das árvores idosas e de maior diâmetro, inutilizando-as para qualquer aproveitamento.

A podridão resulta, como vimos, da acção de fungos que penetram por feridas extensas que põem a descoberto o cerne e são de difícil cicatrização, rapidamente alteram e arruinam a madeira. Na maior parte dos casos, o corte de grandes pernadas é porta aberta à infecção. Em consequência desta, numa fase avançada do ataque, todo o cerne fica reduzido a uma massa castanha-escura, facilmente desagregável, deixando, no centro do fuste, uma extensa galeria ou chaminé — a árvore está cariada e reduzida ao borne.

Entre nós, é a *Fistulina hepatica* o fungo principalmente responsável pela cárie do Castanheiro. No início, a alteração da madeira manifesta-se sob a forma de «veios negros» irregulares, os quais, não causando apreciável depreciação das suas propriedades, aumentam-lhe até o valor decorativo. Os industriais costumam designá-la «castanho misto» ou «castanho negro», sendo particularmente frequente nas árvores *mansas*. A podridão final é lamelar e cúbica, notando-se, entre as lâminas, o micélio branco do fungo. Tal destruição causa, com frequência, a fractura de grandes pernadas. Em algumas regiões do País, os corpóforos desta Poliporácea são denominados «língua de vaca» e utilizados na alimentação.

O Castanheiro é também atacado pela *Polyporus sulphureus* reconhecida pelas suas grandes frutificações moles, esbranquiçadas ou alaranjadas na parte superior e amarelas de enxófre na inferior. Apesar de destruído o cerne, a árvore pode apresentar o aspecto de sã durante muitos anos.

Finalmente, a *Hymenochaete rubiginosa* aparece com frequência, sobretudo na base, e provoca uma podridão alveolar branca.

(Continua)

# VINHOS DA BAIRRADA

Por PEDRO NÚNCIO BRAVO  
Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2484, pág. 911)

**Vindima**—É feita por homens, mulheres e jovens de ambos os sexos.

Correntemente, os cachos são colhidos em bom estado de conservação.

A vindima é feita, primeiramente para pequenas cestas, donde depois se passam os cachos para cestos vindimos, ou para dornas transportadas em carros de bois, ou em camionetes.

Cada cesto dá, em média, 20 litros (em cântaro) de mosto.

As vindimas nesta região fazem-se sem qualquer particularidade, que mereça especial referência.

Os cestos são, correntemente, transportados à cabeça, para a adega, se esta ficar próximo da vinha.

**Pisa**—O esmagamento dos cachos faz-se logo que estes chegam à adega. Recorrem a esmagadores manuais, nas pequenas adegas e, a esmagadores centrifugos e outros: dos mais modernos, nas Adegas Cooperativas.

A pisa a pés está quase posta de parte, nesta região.

**Correcção ácida**—Faz-se recorrendo ao ácido tartárico, ou ao gesso, nas doses indicadas nas Tabelas elaboradas pelo distinto Engenheiro Agrônomo Mário Pato.

**Desinfecção do mosto**—Faz-se correntemente, recorrendo ao metabissulfito

de potássio, às soluções sulfurosas ou, ainda, ao anidrido sulfuroso líquido.

**Desengace**—Não é frequente.

**Recalques**—São feitos a pés ou com recalçadores de madeira, três vezes por dia. São intensos pois a maioria dos vinicultores desta região pretendem que os seus vinhos venham a apresentar muito «corpo», principalmente muita cor e tanino.

**Encuba**—Faz-se quando o vinho-mosto acusa uma densidade compreendida entre 1020-1010.

## Vinho branco

É quase sempre feito de «bica-aberta». A técnica de fabrico não tem qualquer particularidade especial, que mereça aqui ser referida.

**Produção média de vinhos nesta região**—Como termo médio, pode dizer-se que a quantidade de vinhos produzidos nas zonas mais características desta região é de:

Anadia . . . . .	23 000 000 litros
Mealhada . . . . .	8 500 000 »
Oliveira do Bairro . . . . .	12 000 000 »

No entanto—notam-se acen'uadas oscilações—para mais, ou para menos,

conforme os anos decorrem em condições favoráveis, ou desfavoráveis.

Nos últimos anos têm sido «metidos a vinha» vários terrenos, «chamados» uns à cultura e outros que se encontram ocupados com culturas florestais, ou com cereais pobres.

Nesta região fez-se sentir a benéfica acção da Estação Vitivinícola da Anadia.

Os competentíssimos técnicos daquela Estação têm aperfeiçoado a técnica de fabrico e estudado os melhores «cavalos», e «garfos», para a região e melhor tipo de vinho a produzir.

Nos seus laboratórios colhem elementos para corrigir defeitos (e desequilíbrios) e estudam os vinhos doentes, diagnosticando as doenças para as quais depois aconselham os devidos tratamentos. Realizam Cursos Intensivos de vinificação, preparam «levedos» e fornecem «garfos» e «cavalos» de confiança, para a instalação de vinhas.

A assistência técnica feita por esta Estação é tão grande que ultrapassa, em muito, as fronteiras desta região.

O Decreto 21 165 de 15 de Abril de 1932 regula a actividade da Estação Vitivinícola da Anadia.

Há nesta região óptimas Adeegas Cooperativas, cujos benéficos efeitos são de salientar.

Na Mealhada tem a Junta Nacional do Vinho uma Adega, e um grande depósito de armazenamento com capacidade para muitos milhares de litros de vinho.

Também é de salientar a existência de modelares Caves de «Vinhos Espumantes», que valorizam e dão escoante a uma parte das boas «massas vinicas» produzidas na Região.

Produzem-se aqui bons vinhos espumantes, que são justamente apreciados e consumidos com verdadeiro agrado, não só em Portugal continental, como além-fronteiras.

Aproveitando as conclusões dos Técnicos dos Serviços Officiais que trabalham nesta região, poderemos repetir:

*Há má afinidade entre:*

Baga	{ 101-14 34-EM 420-A
Bastardo	{ 101-14 3309 Arm. n.º 9
Arinto	{ Arm. n.º 9 1202 93-5 101-14 3309
Fernão Pires	{ 1202 Arm. n.º 9 101-14 93-5

*Dão boas produções, os complexos:*

Fernão Pires	{ R 99 R 110 93-5
Arinto	{ R 110 R 99 34 EM
Baga	{ 420-A 34-EM 93-5
Bastardo	{ R 110 420-A 93-5

*Dão más produções, os complexos:*

Baga	{ Rup. Lot R 31 44/46
Fernão Pires	{ R 31 44/46 1202 3309
Arinto	{ 1202 44/46 101-14
Bastardo	{ R 31 44/46 1202

Há realmente interesse em conhecer o comportamento não só dos «cavalos», e dos «garfos», separadamente, mas tam-



# RUIDOS

Pelo CONDE D'AURORA

*Na aldeia, no campo, na Natureza — não há ruídos.*

*O ruído é uma criação do Homem, do homo faber, do homo economicus, do homem civilizado.*

*Note-se que o próprio trovão não é repentino mas gradual, não causando, por tal motivo, qualquer trauma.*

*O aumento de ruídos na vida moderna é um dos piores males da humanidade.*

*Foi o inventor Edison quem predisse uma futura humanidade de surdos e de loucos — e já Schopenhauer declarara o ruído industrial ser «o nosso futuro assassino».*

*O decibel, medida física da intensidade do barulho, dá-nos o índice de zona de segurança até 70 decibels (20 decibels a voz cochichada; 40 decibels o cantar dos grilos; e 80 o ruído normal da rua) — e de 80 a 100 (80 é o do rádio berrado) a zona de perigo. Acima (110 a 130) é a zona da surdez.*

*(E lembremos que 120 é a medida da buzina do automóvel)...*

*Mas o perigo não é a surdez — o grande*

*perigo é o imediato desequilíbrio, quer do sistema neurovegetativo, quer do psique — a tristeza, o enervamento, o cansaço, o desânimo causado pelo ruído.*

*A luta contra o ruído da cidade é difícil — mas é-o fácil na aldeia onde o maior ruído é o alto-falante.*

*Estamos no Inverno — mas quando chega o Verão, o sábado e o domingo no Campo tornam-se intoleráveis devido ao abuso criminoso, à liberdade desenfreada do rádio, especialmente (quase exclusivamente) das festas religiosas!*

*Desde 6.ª à noite até à segunda de madrugada — o alto-falante, os altíssimos-falantíssimos colocados no cimo da torre, virados aos quatro pontos cardinais, atroam os ares repetindo os mais batidos discos, ad nauseam!*

*Urge pôr cobro a este inqualificável abuso.*

*Às autoridades eclesiásticas e civis, os grandes responsáveis — aqui fica o protesto e o angustioso apelo de um ameaçado da «loucura do futuro», num futuro muito próximo.*

bém dos complexos resultantes da enxertia dum sobre o outro.

Apesar da assistência técnica gratuita, prestada pelos serviços e organismos oficiais, há ainda, nesta região, quem instale as vinhas, escolhendo as castas por «qualquer» catálogo de viveirista, ou o que é ainda pior, comprando em «qualquer» feira, ou mercado, a «qualquer» desconhecido, «barbados», anónimos, que só por acaso são os mais convenientes para a natureza do terreno a que se destinam.

Comprar nestas condições, é correr o

risco de comprar muito caro — ainda que por pouco dinheiro — videiras ou «barbados» desidratados, ou «chocos» por terem sido mantidos mergulhados em água, para não apresentarem o aspecto de secos.

Além das «falhas», essas videiras levam, muitas vezes, agentes de doenças e de pragas.

Por não terem sido criteriosamente escolhidos, não se adaptam às condições agro-climáticas da região, não tem «afinidade» para os «garfos» e assim o insucesso é inevitável.

## Desovadouros de salmonídeos

por ALMEIDA COQUET

**N**ÃO vem para aqui fazer história do processo de repovoamento de águas doces com trutas provenientes de estabelecimentos de piscicultura.

Já é demais conhecida a técnica, desde a colheita dos ovos espremendo uma fêmea bem cheia, na ocasião própria; cobertura dos mesmos com o semen de um macho igualmente espremido, colocação dos ovos em tanques próprios, nascimento das trutinhas, seu desenvolvimento e, por fim, sua utilização em repovoamentos.

Toda esta mecânica é largamente seguida em todos os países de vários continentes, e indubitavelmente tem o processo prestado os maiores serviços, não só no povoamento de águas virgens de salmonídeos, como mais principalmente em repovoamentos, para compensação da baixa na densidade dos povoamentos existentes, reduzidos pela pesca ou por qualquer outra causa.

Teoricamente, o processo é perfeito. Na prática, porém, nem sempre se consegue obter os fins em vista, ou então por vezes só à custa duma despesa excessiva que pode condenar a prática como anti-económica.

Cito por exemplo o que se vem passando na Escócia, onde a produção da energia eléctrica por meio de barragens e albufeiras está dada em exclusivo a uma empresa que tomou sobre si uma obrigação pesadíssima.

Com o corte dos rios salmoneiros onde a empresa concessionária tem de construir barragens, não só tem de incluir na obra um sistema de elevação dos salmões que sobem os rios para procriação, como

ainda, no caso dos antigos desovadouros ficarem submersos pela elevação da água nas albufeiras, tem de manter instalações próprias para a criação de salmões.

Para o leitor fazer ideia da grandiosidade de tais instalações, bastará dizer que nas últimas construções levadas a efeito, os postos de criação foram situados no interior da parede da própria barragem.

Ainda é cedo para se poder afirmar que a mão do homem trará ali compensação ao que o homem destruiu da grandiosa e sábia obra da Natureza na vida dos salmões.

Já nestas colunas citei a opinião do técnico escocês W. J. M. Menzies, escritor de renome (\*) em piscicultura. Segundo ele, os estabelecimentos de piscicultura são sem dúvida muito úteis; mas porque o homem não pode substituir inteiramente a Natureza — longe disso — entende que o piscicultor deve, sempre que puder, auxiliar a reprodução natural, melhorando o mais possível as condições de que a Natureza precisa para a sua obra silenciosa, discreta mas de tão grande alcance.

Que o esforço humano nestes assuntos pode ser falível, temos o exemplo bem patente do que se passou na Colúmbia Inglesa. Para que não perca o sabor, transcrevo da revista inglesa «THE FIELD», de 27 de Dezembro último, o período que nos interessa:

«Gastaram-se milhões de dólares nos estabelecimentos de piscicultura da Colúmbia Inglesa entre 1900 e 1935. Investi-

(\*) Autor de várias obras sobre o salmão do Atlântico, entre as quais o conhecido livro «The Salmon, Its Life Story» (1939).

gações científicas vieram, porém, provar que para o salmão *sockeye*, os estabelecimentos de piscicultura em funcionamento não eram capazes de substituir a reprodução natural e resolveram então fechar aqueles estabelecimentos. Procedeu-se agora a novas tentativas, com algum sucesso, para o estabelecimento de pisciculturas em que se procura *simular condições naturais*».

Quer dizer, após tantos anos e tanto dinheiro dispendido, ainda o homem tateia a procurar condições o mais semelhantes que for possível às condições naturais.

Vejamos agora o caso português.

Quanto ao salmão, o nosso problema parece uma batalha perdida. Com os rios Cávado e Lima há muito perdidos; com o Minho desbaratado por portugueses e espanhóis, sem leis nem regulamentos, sem um entendimento verdadeiro—notem bem: VERDADEIRO—entre os dois países peninsulares, chega parecer inglória qualquer tentativa para se recuperar o perdido.

No entanto...

No entanto, não penso que seja um

caso perdido, o do salmão em Portugal.

Mas vejo que passei do assunto *trutas* para o caso do *salmão*, e tenho que falar ainda dos desovadouros. No entanto, pretendi fixar aqui uma ideia, digamos mesmo, uma técnica bem simples: favorecer tanto quanto possível as *condições naturais* para facilitar a *reprodução natural*. E para o caso das trutas, em Portugal, isso tem enorme interesse, pelos resultados que se podem obter, e pela economia que isso representaria na obra de recuperação dos nossos rios.

E o que precisamos nós, para levar por diante esse trabalho? Bem pouco.

Hoje aqui neste rio ou ribeiro, amanhã naquele outro, e depois outro ainda, e assim sucessivamente, *marcar os desovadouros naturais*—fáceis de identificar.

Proceder à limpeza do seu leito areento e de cascalho, passando-lhe um ancinho, o que solta algum lodo que se tenha acumulado.

Fazer incidir sobre eles a fiscalização, logo que aparecem as primeiras trutas em busca do local. E é geralmente curto



Preparando um desovadouro num ribeiro, em águas pertencentes a um clube de pesca. O leito é todo passado em vários sentidos com um ancinho, revolvendo a areia e o cascalho, para soltar algum lodo acumulado. Deve notar-se, também, a disposição do pequeno dique, com uma saída central que provoca uma maior velocidade da corrente no local do desovadouro

## À Juventude Rural

(Excerto de programas rádiodifundidos pela Emissora Nacional)

**P**ORTUGAL é um País agrícola, pois é na agricultura e da agricultura que vivem cerca de 1 500 000 rurais, ou seja cerca de 45 % da população activa. É pois a agricultura um sector de actividade de excepcional importância, ao qual cumpre a missão grata e honrosa, mas também difícil e trabalhosa, de alimentar todos os portugueses. Numa época em que tudo tem de ser bem e economicamente feito, numa conjectura que exige esforço, boa-vontade e interesse da parte de todos os nacionais, não se compreenderia facilmente que aos agricultores não fossem exigidos requisitos e conhecimentos para o bom desempenho da sua missão e, simultaneamente, que lhes não fossem reconhecidos direitos e prerrogativas. Na verdade, os agricultores de hoje e, especialmente, os de amanhã, têm de ter uma perfeita noção do seu mister, a fim de que possam promover o aproveitamento de todas as potencialidades que as respectivas empresas lhes oferecerem.

Adquirindo uma preparação profissional adequada, e alcançando uma cultura geral compatível com o lugar de destaque que dentro em breve a agricultura será chamada a ocupar, a juventude rural portuguesa contribuirá para a melhoria do

---

esse período da fiscalização dos desovadouros, pois logo que termina a desova e as águas começam a subir, passou o perigo dos «furtivos».

Não julgue o leitor que isto é invenção minha. É apenas prática corrente em muitos países e de há muito. Em Inglaterra, como quase todas as águas doces com frutas pertencem a particulares — clubes, associações, sindicatos e hotéis — os donos o fazem sempre que possível, mesmo que lancem lá trutas de viveiro.

Uma coisa não tira a outra...

nível de vida e para a promoção social de uma classe verdadeiramente útil.

No momento em que a Pátria atravessa horas difíceis é que se impõe cerrar fileiras em torno de um ideal elevado e nobre, qual seja o da defesa da integridade do nosso património.

Todavia, essa defesa não se consegue apenas pelas armas, rechaçando o inimigo que, teimosa e injustificadamente, se encarniça contra nós.

Para além dessa tarefa, que compete aos militares, outras existem a reclamar o nosso esforço, a nossa melhor boa vontade e entusiasmo, a nossa quotidiana actividade. Com efeito, é preciso que saibamos aproveitar da melhor forma possível o solo nacional, que queiramos competir com o que de melhor se faz no estrangeiro, na certeza de que podemos, se quisermos, elevar o nosso nível de vida e de desenvolvimento.

Cada um na sua esfera de acção poderá e deverá cumprir melhor o seu dever, pois só da vontade de todos poderá sair, como resultante, uma nação mais rica, economicamente melhor explorada, socialmente mais engrandecida. Se a todos estas palavras se aplicam, à juventude rural, repositório de energias e de vontades, manancial de mão-de-obra, que deverá ser instruída e especializada, com muito mais forte razão são elas especialmente dirigidas. Só através de uma preparação profissional e cívica, consciente e bem compreendida, se poderá dispor de mão-de-obra qualificada, inteiramente integrada no espírito que anima o Governo da Nação.

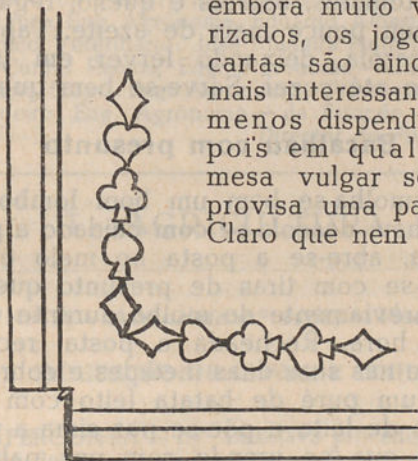
Sem uma agricultura apoiada em bases sólidas, e sem agricultores à altura das suas responsabilidades, não pode haver, haja o que houver, progresso estável e duradouro.

# Secção Feminina

## Distracções caseiras

Nas tardes de Inverno, para entreter as suas visitas, nada mais indicado do que uma mesa de jogo, fácil de improvisar.

Não há dúvida de que, embora muito vulgarizados, os jogos de cartas são ainda os mais interessantes e menos dispendiosos, pois em qualquer mesa vulgar se improvisa uma partida. Claro que nem todos



os felizes podem ter uma sala própria para jogos, com uma mesa de pingue-

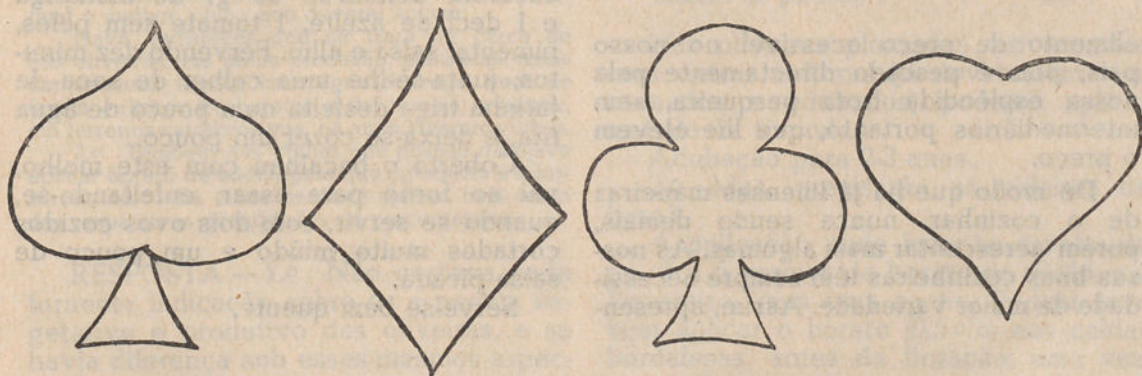
-pongue ou de bilhar. Conformam-se, portanto, com soluções mais modestas.

Contudo, é sempre interessante, dar-lhe um aspecto diferente, criar ambiente, digamos, característico dessa diversão. Assim, é sempre oportuno dispor de um naperon com motivos adequados, o que dá sempre graça e vida. Se se tratar de um jogo de dados ou dominó, borde sobre um pano quadrado que cubra todo a mesa, de tom verde não muito escuro mas seco, uns pequenos cubos com pintas brancas nas faces. São fáceis de desenhar e não precisam, portanto, de decalque.

Para os jogos de cartas, fica muito bem, também bordado sobre verde, num pano grosso, género flanela ou feltro mole, os motivos que transcrevemos para as nossas leitoras e que podem ser dispostos em grinalda, ou soltos a formar cantos e centro.

Esta distribuição é feita segundo o gosto de cada um.

Nós apresentamos a disposição em quadrado, apenas para dar uma ideia.



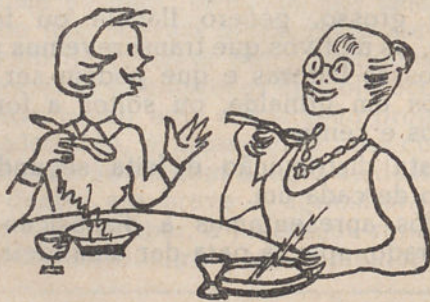
Estes motivos podem ser bordados a cheio, em branco, vermelho ou preto, ou ainda, estas três cores alternadas, mas há que ter em conta a escolha de um vermelho apropriado ao verde do fundo, que, se for bem escolhido poderá dar um resultado original; caso contrário, dará um resultado desagradável e grosseiro.

Pode também fazer-se em género de aplicações, recortando em feltro branco e preto ou preto e vermelho os motivos apresentados, que são depois aplicados sobre o pano verde. Este pode ser debruado com uma tira de qualquer um dos tons das aplicações preto, branco ou vermelho e deve ter umas aberturas em cada um dos quatro cantos, munidas de um fecho éclair, que adaptarão depois o pano à mesa, ficando perfeitamente ajustado.

É de efeito muito agradável e bastante prático.

## O cantinho da cozinheira

Os pratos de bacalhau são, praticamente, os mais usados na culinária portuguesa, quer porque agrada bastante ao paladar português, quer porque é um



alimento de preço acessível no nosso país, pois é pescado directamente pela nossa esplêndida frota pesqueira, sem intermediários portanto, que lhe elevem o preço.

De modo que há já imensas maneiras de o cozinhar, nunca sendo demais, porém acrescentar mais algumas. As nossas boas cozinheiras têm sempre necessidade de maior variedade. Assim, apresen-

tamos duas formas menos vulgares de preparar esse apetitoso peixe.

### Bacalhau em cubos

Depois do bacalhau bem demolhado, corta-se em bocados de 5 cm de lado, tiram-se as espinhas deixando as peles. No fundo de uma caçarola com tampa põe-se uma camada de rodelas de cebola e por cima destas um tomate às rodelas, sem pevides nem peles, metade dos cubos de bacalhau e batatas cortadas às rodelas, 100 gr de queijo flamengo cortado às tiras e 1 gr de pimenta, 2 cravinhos, 3 decl de azeite fino, 1 ramo de salsa, 1 folha de louro, 1 ramo de hortelã, 1 colher das de sopa de manteiga e 1 colher das de café de açafão em pó. Depois coloca-se outra camada de bacalhau, tomates, batatas e queijo, regando com um pouco mais de azeite. Tapa-se a caçarola, deixando ferver em lume brando até cozer. Serve-se bem quente.

### Bacalhau com presunto

Demolha-se bem um bom lombo de bacalhau, descola-se com cuidado a pele inteira, abre-se a posta ao meio e recheia-se com tiras de presunto que se pôs previamente de molho durante uma meia hora. Recheada a posta, recompõe-se nas suas duas metades e cobre-se com um puré de batata feito com um pouco de leite e põe-se por cima a pele tirada que se prende com uns palitos. Põe-se num prato de forno, deitando por cima cerca de um decl de vinho branco, rodelas de cebola e o seguinte molho que se prepara à parte: numa pequena caçarola deitam-se 60 gr de manteiga e 1 decl de azeite, 1 tomate sem peles, pimenta, salsa e alho. Fervendo dez minutos, junta-se-lhe uma colher de sopa de farinha triga desfeita num pouco de água fria, e deixa-se cozer um pouco.

Coberto o bacalhau com este molho, vai ao forno para assar, enfeitando-se, quando se servir, com dois ovos cozidos cortados muito miúdo e um pouco de salsa picada.

Serve-se bem quente.

# Serviço de CONSULTAS

## REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duílio Marques, Eng. Agrónomo; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

### I — AGRICULTURA

N.º 21 — Assinante n.º 44 623 — Viseu.

#### ADUBAÇÃO DE OLIVAL E VINHA

PERGUNTA — 1.º Desejava proceder à adubação de uns olivais que possuo. Porém, entro em dúvida de qual o adubo que deverei aplicar, porquanto a falta de prática e de conhecimentos técnicos colocam-me numa indecisão perante tantas e tão variadas marcas.

Recorro, por isso, ao bom conselho da *Gazeta das Aldeias*, solicitando a fineza de me ser indicado qual o melhor adubo que deverei aplicar.

Devo esclarecer que se trata de cerca de 600 oliveiras, em plena produção, plantadas, umas em terrenos fundos com água de rega, onde se fazem culturas de batatas e de cereais, e outras, em terrenos calcáreos que, há anos, tiveram vinhas.

2.º Também nas vinhas que possuo desejava aplicar borato de sódio, pelo que agradecia a informação da forma como se deve aplicar, bem como das respectivas quantidades ou percentagens.

RESPOSTA — 1.º Não custava nada fornecer indicação sobre os aspectos vegetativo e produtivo das oliveiras, e se havia diferença sob esses mesmos aspectos

entre as oliveiras do terreno aproveitado também para outras culturas e as do antigamente dedicado à vinha.

Eram dados úteis para estabelecer fórmula de adubação, de mais a mais faltando como faltam boletins de análise dos terrenos.

É natural que os solos não necessitem de correcção calcárea. Poderá aplicar, por árvore:

Sulfato de amónio ou adubo nitro-	
-amoniacal . . . . .	1 kg
Superfosfato a 18% . . . . .	1,5 »
Cloreto de potássio . . . . .	0,3 »

Nas oliveiras plantadas em terrenos com outras culturas (já devidamente estrumados e adubados) pode-se aplicar metade da fórmula.

Adubação para 2-3 anos.

2.º Mas, precisarão as videiras de boro?

A aplicação pode fazer-se à volta do pé, 3 a 5 gramas de borato de sódio, em Fevereiro, com uma sachá. Poderá também aplicar o borato (0,5%) nas caldas bordalesas, antes da floração, uma vez.

**VINHOS-AZÉITES** — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azeites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento Vinó-Vito, R. Cais de Santarém, 10-x.º dirt.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 27130.

Havendo necessidade, pode fazer segundo tratamento, com o fruto vingado. Não aplicar em anos sucessivos. — *M. Ramos.*

## II — FRUTICULTURA

N.º 22 — Assinante n.º 44824 — *Seixas (Minho).*

### PODA DE CITRINOS

**PERGUNTA** — Em que época do ano se devem podar as laranjeiras e limoeiros, e se deve ser no crescente ou no minguante da lua.

**RESPOSTA** — A poda dos citrinos é simples e pode fazer-se durante uma grande parte do ano.

Está contra-indicada no Outono por incitar a produção de rebentação que não chegaria a atempar devidamente, sendo destruída pelos frios do Inverno. Durante o Inverno também se não devem podar já porque os cortes seriam prejudicados, dado que se trata de plantas em vegetação, e também por provocar rebentação num período difícil, a qual seria destruída. Também se não deve podar durante a floração, pois, nessa altura, deve deixar-se a árvore entregue a si, pois que qualquer intervenção nessa fase quebraria o equilíbrio indispensável, com as piores consequências para a produção.

Pode praticar-se durante o resto do ano, mas é particularmente aconselhada antes da floração, depois das grandes geadas, e no Verão, no período de decréscimo da actividade vegetativa.

A fase da lua não tem influência, podendo podar-se quer no minguante quer no crescente. — *Madeira Lobo.*

\*

N.º 23 — Assinante n.º 45109 — *Barcelos.*

### CULTURA DE PEREIRAS E MACIEIRAS EM BARDO

**PERGUNTA** — Plantei, o ano passado, um pequeno pomar de pereiras e outro de macieiras, cada um no seu talhão, e tencionava, em volta de cada talhão, plantar macieiras e pereiras, em bardo: em volta das pereiras, pereiras; em volta das macieiras, macieiras.

Quais as variedades que me aconselham?  
Quais as distâncias?  
Qual a altura dos bardos?

**RESPOSTA** — Para a cultura de pereiras e macieiras em bardo poderá seguir o método de Ferragutti que a seguir descreveremos, ou o Bouché Thomas que tratamos no passado ano.

Para a cultura segundo o método de Ferragutti deverá obter plantas de porte reduzido, enxertadas em E. M. IX, para macieiras ou em marmeleiro tipo C para as pereiras.

Na escolha de variedades deverá ter o cuidado de que estas não sejam vigorosas e, no caso das pereiras, tenham afinidade com o porta-enxerto indicado, ou seja feita a enxertia num porta-enxerto intermediário.

**Compasso** — Na linha as árvores deverão ficar espaçadas de 1,2 a 1,5 conforme a riqueza do terreno.

**Poda de transplantação** — Deverá atarracar-se a haste a 60 cm.

**Formação** — Na Primavera seguinte à plantação deverão escolher-se três rebentos, devendo os dois laterais ser curvados sobre o 1.º arame que deverá ficar a 50 cm do terreno. O terminal deverá ficar direito, pois irá formar o segundo andar, isto é revestir o segundo arame.

No ano seguinte a haste terminal será atarracada a 1,3 m, se atingir essa altura. Se aí não chegar deixa-se sem poda, esperando-se pelo ano seguinte para a formação do 2.º andar.

Feito o atarraque na Primavera seguinte escolhem-se 3 rebentos, como se fez para o revestimento do 1.º arame, devendo os dois laterais ficar no sentido da linha e o terminal direito, pois irá revestir o 3.º arame.



O 3.º arame deverá ficar a 2 metros do solo.

Para o revestimento deste arame a haste guia é atarracada a 2,1 m de comprimento e da rebentação desta escolhem-se apenas dois rebentos um para cada lado.

Com o revestimento deste arame dá-se por terminada a formação.

Todos os rebentos nascidos deste são virados sobre este arame.

*Manutenção* — Os ramos que nascem são curvados e amarrados aos arames com o duplo fim de reduzir o seu vigor e dispô-los para a produção.

Quando a vegetação é mais forte além das curvaturas é também necessário fazer podas verdes eliminando todos os ramos que fechem demasiado o bardo.

O rejuvenescimento dos ramos faz-se atarracando os arcos por um rebento vertical nascido da flecha que se curva, como o rebento donde saiu.

Dessa forma se vai mantendo o bardo guarnecido e se vão fazendo as substituições dos ramos já cansados e improdutivos.

Nesta forma a estrutura reduzida é mantida à custa da produção que é excedida. — *Madeira Lobo*.

---

## VI — JARDINAGEM

---

N.º 24 — Assinante n.º 42 335 — *Figueira de Castelo Rodrigo*.

### SOBRE A AÇUFEIFEIRA E BERBERIS

PERGUNTA — Na Enciclopédia, lê-se:

*Ber.* — É uma árvore espinhosa espontânea na Índia... e é também cultivada. *Ziziphus vulgaris*, Lamk, que se encontra também na Índia, sendo cultivada no Sul da Europa. Ao fruto chama-se *jujuba*.

*Berberis.* — Género da família dos berberidáceos. Tem este género por sinónimo «mahonia».

Desejava saber se estas espécies ou «famílias» existem em Portugal, se é possível identificá-las e qual o seu nome vulgar.

RESPOSTA — 1.º A espécie *Ziziphus Vulgaris* (*jujuba*) pertence à família das

Zigofiláceas, sendo originária da Ásia Menor. Caracteriza-se esta espécie por pequenas árvores ou arbustos, com ramos flexuosos, folhagem caduca e flores amarelas hermafroditas.

O fruto tem 2 a 3 cm de comprimento, com coloração avermelhada e lustrosa na maturação, é carnudo, doce e comestível.

A *Z. jujuba* cultivava-se no Sul do país com os nomes vulgares de açufeifa maior ou anáfega maior.

2.º Os berberis pertencem à família das Berberidáceas e são originários da África Meridional. Trata-se de arbustos espinhosos, com folhas lanceoladas e flores amarelas em cachos. O fruto é uma baga, oblonga, vermelha e com alto interesse ornamental. Os berberis são sub-espontâneos no Norte do país e conhecidos pelo nome vulgar de uva-espim.

Tem um interesse ornamental, jardínístico apreciável. Neste aspecto é mais apreciado o género *B. atropurpurea*, também conhecido por mahonia, muito decorativo pela sua folhagem miúda, de um vermelho densamente azulado e pela sua forma exótica. Este género é muito usado em sebes e em tufos de jardins. — *Valdeimar Cordeiro*.

---

## XIV — ZOOTECCNIA

---

N.º 25 — Assinante n.º 35 151 — *Santo Tirso*.

### SUINICULTURA. TIPOS DE EXPLORAÇÃO.

PERGUNTA — a) Referente aos suínos: qual a exploração mais rendosa; a de engorda ou a de criação (venda de leitões).

b) Dados sobre cada tipo de exploração.

RESPOSTA — A exploração de suínos, tem que ser orientada sob o ponto de vista dos recursos alimentares existentes.

No geral, os pequenos proprietários exploram os suínos, para a venda de leitões, isto é, os porquinhos são vendidos por volta das 7-8 semanas de vida, à desmama, para não perderem o «ilustro»

da mama, idade em que ainda fazem pouca despesa.

Quando os tempos são propícios, os leitões aqui na região, chegam a render mais de duzentos escudos cada.

É uma fonte de receita dos pequenos agricultores do concelho de Pombal, centro exportador de leitões, por excelência.

Os lavradores sempre ficam com alguns leitões, que criam, uns para os engordarem para os «gastos da casa», como costumam dizer, outros para venda em alfeiros, e se dispõem de recursos alimentares, vendem-nos depois de gordos.

Para as «engordas» pròpriamente ditas, é costume adquirirem-se porcos alfeiros, a não ser que sejam provenientes da própria produção. Aqui também temos que entrar em linha de conta com as instalações, por mais rudimentares que possam ser.

Como iniciámos a consulta, assim a terminaremos: Para quem tenha que comprar farinhas, tourteaux, bagaços, e não disponha por exemplo de bolota, maçãs, figos, milho para farinar, bagaço de azeitona, hortaliças, etc., as engordas tornam-se muito dispendiosas, e feitas as contas, a exploração não deverá dar lucros compensadores.

Eis o que se nos oferece informar, visto a consulta do senhor consulente não nos dar quaisquer indicações, podendo o senhor consulente tirar as ilações que mais lhe convenham, consoante os recursos alimentares que disponha de produção própria, sempre mais económica e que é um factor que terá que se atender.  
— *Carrilho Chaves.*

---

## XXIII — DIREITO RURAL

---

N.º 26 — Assinante n.º 44085 — Lisboa

### PLANTAÇÃO DE EUCALIPTOS

PERGUNTA — Desejando plantar eucaliptos numa propriedade minha, gostaria de ser elucidado

sobre o que diz o regulamento sobre estas plantações e as distâncias das extremas a respeitar.

- 1) das extremas do vizinho, tratando-se um hortado;
- 2) tratando-se de uma casa de habitação;
- 3) de estrada ou caminho municipal e
- 4) de uma mina de água e seu condutor.

Desejo mencionar que entre a minha propriedade e a do vizinho que deseja levantar uma questão, encontra-se metido outro vizinho com uma faixa de largura de 15 m.

RESPOSTA — 1. Nos termos do art. 1.º e § ún. do dec.-lei n.º 28039, de 14 de Setembro de 1937, a plantação de eucaliptos é proibida a menos de 20 metros de terrenos cultivados de sequeiro, e a menos de 30 de nascentes, terras de cultura, de regadio, muros e prédios urbanos, exceptuando-se os casos em que entre a plantação de eucaliptos e os terrenos de cultura, muros, prédios ou nascentes esteja interposta estrada, via férrea, curso de água ou desnível de mais de 4 metros.

2. Assim, deve o Sr. Consulente respeitar, nos casos que me expõe as seguintes distâncias:

- a) hortado — 20 ou 30 metros se a cultura é, respectivamente, de sequeiro ou de regadio;
- b) casa de habitação — 30 metros;
- c) mina de água e condutor de águas aberto — 30 metros.

3. Quanto ao condutor da água, sendo ele fechado, de tal modo que as raízes das árvores não venham a secá-lo, já me parece que a disposição citada deixará de se aplicar. É no entanto aspecto que se me oferece duvidoso.

4. Quanto à estrada ou caminho municipal não só a sua existência não impede a plantação de eucaliptos, como até a torna legal, embora a menos das distâncias designadas existam terrenos, prédios, muros ou nascentes, desde que entre a plantação e eles se interponha o tal caminho ou estrada. — *A. M. O. Pinheiro Torres.*



# INFORMAÇÕES

## Calendário de Março

Durante este mês a duração do dia é de 11 h. e 18 m. em 1, e de 12 h. e 33 m. em 31.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Sexta. . . . .	7.11	18.29	10.47	*
2 Sábado. . . . .	7.10	18.30	11.28	0.57
3 Domingo. . . . .	7. 8	18.31	12.13	2. 4
4 Segunda. . . . .	7. 7	18.32	13. 4	3. 4
5 Terça . . . . .	7. 5	18.33	13.59	4. 1
6 Quarta. . . . .	7. 4	18.34	14.58	4.52
7 Quinta. . . . .	7. 2	18.35	15.57	5.36
8 Sexta. . . . .	7. 1	18.36	16.57	6.14
9 Sábado. . . . .	6.59	18.37	17.56	6.48
10 Domingo. . . . .	6.57	18.37	18.54	7.18
11 Segunda . . . . .	6.56	18.38	19.51	7.46
12 Terça. . . . .	6.54	18.39	20.47	8.14
13 Quarta. . . . .	6.53	18.41	21.44	8.41
14 Quinta. . . . .	6.51	18.42	22.40	9. 8
15 Sexta. . . . .	6.50	18.43	23.36	9.39
16 Sábado . . . . .	6.48	18.44	*	10.11
17 Domingo . . . . .	6.47	18.45	0.34	10.48
18 Segunda. . . . .	6.45	18.46	1.31	11.30
19 Terça . . . . .	6.44	18.47	2.26	12.19
20 Quarta. . . . .	6.42	18.48	3.20	13.15
21 Quinta . . . . .	6.41	18.49	4. 9	14.17
22 Sexta. . . . .	6.39	18.49	4.55	15.24
23 Sábado. . . . .	6.38	18.50	5.37	16.35
24 Domingo . . . . .	6.36	18.51	6.15	17.48
25 Segunda . . . . .	6.34	18.52	6.52	19. 1
26 Terça . . . . .	6.33	18.53	7.28	20.15
27 Quarta. . . . .	6.31	18.54	8. 4	21.29
28 Quinta . . . . .	6.29	18.55	8.42	22.42
29 Sexta. . . . .	6.28	18.56	9.22	23.53
30 Sábado. . . . .	6.26	18.57	10. 8	*
31 Domingo . . . . .	6.25	18.58	10.58	0.58

Q. C. em 2 às 17 h. 17 m.; L. C. em 10 às 7 h. e 49 m.; Q. M. em 18 às 12 h. e 2 m.; L. N. em 25 às 12 h. e 10 m.

## Lei n.º 2114

Porque muitos assinantes se nos tem dirigido solicitando a transcrição da Lei n.º 2114, e porque reconhecemos vantagem em arquivar nas páginas desta *Gazeta* as leis que interessam à Lavoura, damos hoje início à sua publicação, certos de que com ela prestaremos mais um serviço aos nossos leitores.

### Título I

#### Do arrendamento rural em geral

##### BASE I

1. O arrendamento de prédios rústicos para fins agrícolas, pecuários ou florestais denomina-se arrendamento rural e consiste na transferência para o locatário, por certo tempo e mediante determinada retribuição, do uso e fruição da coisa, nas condições de uma exploração regular.

2. Se o arrendamento recair sobre prédio rústico e do contrato e respectivas circunstâncias não resultar o destino atribuído ao prédio, presumir-se-á que o arrendamento é rural. Exceptuam-se os arrendamentos em que intervenha como arrendatária qualquer pessoa colectiva de direito público, os quais se entendem celebrados para fins de interesse público.

3. Os contratos mistos de arrendamento rural e outro ou outros negócios jurídicos regem-se por aplicação conjunta das normas próprias de cada um deles; quando isso não seja possível, funcionará o regime do negócio jurídico que, dados os termos do contrato, deva considerar-se predominante.

##### BASE II

1. O arrendamento rural não necessita de ser reduzido a escrito; mas as alterações ao regime supletivo do contrato ou dos usos e costumes locais só por escrito podem provar-se.

2. Os arrendamentos reduzidos a escrito só podem ser alterados por documento de igual força.

##### BASE III

1. Os arrendamentos rurais não podem ser celebrados por menos de seis anos. Se for estabelecido prazo mais curto, valerão por aquele prazo.

2. Findo o prazo referido no número anterior, ou o convencionado, se for superior, presume-se

renovado o contrato por mais três anos, e assim sucessivamente, se o arrendatário se não tiver despedido ou o senhorio o não despedir, no tempo e pela forma designados no Código de Processo Civil.

3. A renovação contratual nunca poderá ser feita por prazo inferior a três anos.

4. A Corporação da Lavoura poderá propor ao Governo a alteração dos prazos mínimos estabelecidos nos números anteriores, por meio de regulamento que tenha em conta a diferenciação regional, as convenientes rotações culturais e a estabilidade dos arrendatários.

#### BASE IV

1. Os arrendamentos não podem celebrar-se por mais de 30 anos; quando estipulados por tempo superior ou como contratos perpétuos, serão reduzidos àquele prazo.

2. Exceptuam-se os arrendamentos para fins silvícolas, os quais podem ser celebrados pelo prazo máximo de 99 anos. Se forem convencionados prazos superiores, serão reduzidos àquele limite.

#### BASE V

1. Ficam sujeitos a registo os arrendamentos cujo prazo de duração seja superior ao referido no n.º 1 da base III.

2. Os arrendamentos sujeitos a registo devem constar de escritura pública; mas a falta desta não impede que o contrato subsista pelo prazo de seis anos.

#### BASE VI

1. São aplicáveis aos arrendamentos rurais os artigos 41.º e 42.º da Lei n.º 2030, de 22 de Junho de 1948.

2. Em qualquer dos casos, os arrendamentos só se consideram resolvidos no fim do ano agrícola em curso.

#### BASE VII

1. Os arrendamentos não caducam por morte do senhorio nem pela transmissão do prédio, seja qual for a natureza da transmissão.

2. O arrendamento também não caduca por morte do rendeiro, se este deixar cônjuge ou descendentes que, habitando ou cultivando o prédio arrendado, queiram manter o contrato. Quando essas circunstâncias se não verificarem, a denúncia pelo senhorio será efectuada nos três meses

seguintes à morte, mas só produz efeitos no fim do ano agrícola que estiver em curso no termo daquele prazo.

#### BASE VIII

1. A expropriação do prédio por utilidade pública importa a caducidade do arrendamento.

2. Se a expropriação for total, o arrendamento é considerado como encargo autónomo para o efeito de o arrendatário ser indemnizado pelo expropriante. Nesta indemnização será considerado, além do valor dos frutos pendentes ou das colheitas inutilizadas, acrescido das importâncias a que se refere a base XVI, o prejuízo do arrendatário pela cessação da exploração em função do tempo que faltar para o termo do contrato e até ao limite máximo de quatro vezes o valor da renda anual.

3. Se a expropriação for parcial, o arrendatário, independentemente dos direitos facultados no número anterior em relação à parte expropriada, pode optar pela resolução do contrato ou pela diminuição proporcional da renda.

#### BASE IX

1. A renda será fixada em dinheiro ou géneros, sempre que possível produzidos pelo prédio.

2. Os grémios da lavoura poderão promover a constituição de comissões paritárias de senhorios e arrendatários encarregadas de elaborar e propor à sua apreciação e aprovação ulterior do Governo os limites máximos e mínimos das rendas, em conformidade com os usos e costumes de cada região.

3. As rendas contratuais que se contenham dentro dos limites fixados consideram-se justas.

4. Na falta da regulamentação a que se refere o n.º 2, poderá o Governo estabelecer esses limites quando haja fortes motivos de ordem económico-agrária e social.

#### BASE X

1. Quando, por causas imprevisíveis ou fortuitas, como inundações que não permitam culturas de recurso, estiagens extraordinárias, ciclones, outros acidentes meteorológicos ou geológicos e pragas de natureza excepcional, o prédio não produzir frutos ou os frutos pendentes se perderem em quantidade não inferior, no todo, a metade dos que produziu normalmente, o arrendatário pode pedir redução equitativa da renda, que não exceda metade do seu quantitativo, e ainda a rescisão do contrato, se a capacidade produtiva do prédio tiver ficado afectada de maneira duradoura.

2. A falta de produção ou perda dos frutos não é, todavia, de atender na medida em que for compensada pelo valor da produção do ano ou dos anos anteriores, no caso de contrato plurianual, ou por indemnização recebida ou a receber pelo arrendatário em razão da mesma falta ou perda.

3. As cláusulas derogadoras do disposto no n.º 1 são nulas.

4. O exercício dos direitos facultados no n.º 1 ao arrendatário fica dependente de aviso por escrito ao senhorio, de modo a permitir-lhe a verificação dos prejuízos.

(Continua)

### INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Ovos para incubação, pintos e frangos das raças *Paduana*, *Sussex*, *Leghorn* e *New-Hampshire*. Ovos e patinhos do dia. Vende António Belchior—Bulegueira—T. Vedras.

# A C. U. F.

(SECÇÃO AGRO-QUÍMICA)

põe à disposição dos Agricultores

## a) Produtos para combater males e pragas

**Agral LN** — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

**Albolineum** — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

**Mergamma** — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

**Cloroxone** — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

**Didimac 10 e 50** — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

**Gammexane 50** (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

**Gamapó A** — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «rosas», etc.

**Katakilla** — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

**Malaxone** — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

**Quirogama** — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

## b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

**Agroxone 4** — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

**Atlacide** — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

**Trioxone** — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

## c) Produtos auxiliares da vegetação

**Horthomona A** — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDEDORES DA

## Companhia União Fabril

Av.<sup>ª</sup> do Infante Santo — LISBOA-3  
(Gaveto da Av.<sup>ª</sup> 24 de Julho)

Rua do Bolhão, 192-3.º — PORTO

HANKHAM

# EUROPEAN CHINCHILLA ORGANISATION

HEAD OFFICE: HANKHAM CHINCHILLA RANCHES,  
HANKHAM, NEAR PEVENSEY, SUSSEX, ENGLAND.



A criação mais fácil e rendosa no clima ideal de Portugal!

As Peles de CHINCHILLA são as mais valiosas da actualidade com mercado firme e procura superior à oferta

As CHINCHILLAS «ECO», detentoras dos melhores prémios, produzem das melhores Peles. Porque não inicia já a sua criação, com alguns casais ou unidades polígamas? E' esta a melhor época para começar.

### INFORMAÇÕES:

Em Lisboa: **J. B. Rafael**—Av. Roma, 84, 4.º E.—LISBOA  
—Telef. 766533 \* Distritos de Coimbra, Viseu, Aveiro e Leiria: **C. B. Amaro**—Santa Luzia—LAVOS—Figueira da Foz—Telef. Paião 94213 3913

# A BATATEIRA

é um livro da autoria do Engenheiro-Agrónomo DR. ARTUR CASTILHO. Profusamente ilustrada, é a obra mais completa e mais desenvolvida que até hoje se tem publicado em Portugal sobre a batata, suas variedades (são descritas mais de 200), cultura e aplicação, tudo cuidadosamente tratado nos seus diferentes capítulos, que são:

Nomes; descrição; Espécies e Variedades; Meios; Propagação; Escolha de semente; Preparação da semente; Preparação do terreno; Fertilização; Plantação; Consociação; Rotação; Granjeio; Danos; Colheita; Produção; Conservação; Usos; Importância

**Preço,**  
incluindo porte do correio e registo, Esc. 27\$50  
A' cobrança . . . . . Esc. 29\$00

PEDIDOS A

## Gazeta das Aldeias



# Wino

MASTIQUE  
especial para a

VEDAÇÃO PERFEITA DO VASILHAME  
Galeria de Paris, 75 ..... PORTO

8689

**PASTAS** Comerciais e de Estudantes  
**MALAS** em couro, chapeadas e para avião

CONSERVAM-SE MALAS  
NÃO CONFUNDIR

**José Apolinário**  
31-Rua do Loureiro-33  
(Pegado à Pensão de S. Bento)

TELEPHONE, 23636—PORTO



PELES de coelho, raposa e de todos os animais — Curtimos, tingimos e confeccionamos

# RÚSSIA NO PORTO

Raposas e casacos de peles aos melhores preços.  
**R. Fernandes Tomás, 561-Porto**  
(Alma da Capela das Almas)  
Telef. 22960 2118

# SIMA

## LAGARES DE AZEITE

Sistema revolucionário de extracção de azeite por pressão com a eliminação de discos metálicos e capachos filtrantes

**Melhoria de qualidade do produto:**

**MENOR acidez \* MAIOR limpidez**

**AUMENTO DO VALOR COMERCIAL**

**Redução apreciável do espaço ocupado pelas instalações e dos manipuladores**



3903

**R**EGRESSARAM recentemente de Espanha, onde se deslocaram a convite de António Câmara Cordovil, numerosas individualidades portuguesas interessadas pela olivicultura que, em Cordova visitaram, com um grupo de entidades do país vizinho, algumas instalações destes lagares em pleno funcionamento. Da visita e da troca de impressões havida, ressaltaram as enormes vantagens e a urgência da instalação em Portugal dos novos lagares de azeite «SIMA», que permitirão à olivicultura portuguesa, atingir o desenvolvimento a que naturalmente aspira.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA PORTUGAL E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

**ANTÓNIO CÂMARA CORDOVIL**  
IMPORTAÇÃO - EXPORTAÇÃO

RUA DE CAMPOLIDE, 55-1.º DTO. — TEL. 685262 — END. TEL. VIERZON  
LISBOA



Agente Geral para Portugal e Ultramar:  
**J. L. Duarte de Almeida, Suc.ra**  
 Rua de S. Miguel, 61 — PORTO  
 Telefone, 26515

a bomba que resolve o seu problema caseiro  
 para hortas e jardins,  
 pequenas regas, etc. 3877

CONSUMO DE ELECTRICIDADE MÍNIMO  
 .....

“**VIBRO-VERTA**”  
 a bomba portátil que resolve o abastecimento de água  
 na cidade e no campo  
 DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

## MOTORES INDUSTRIAIS

GRUPOS ELECTROGÉNEOS  
 A GASOLINA, PETRÓLEO OU DIESEL

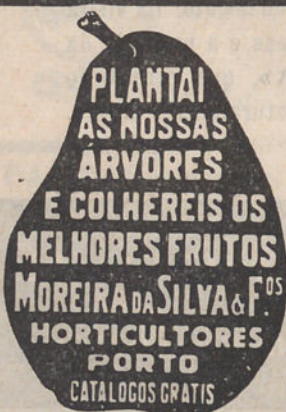
- DE CORRENTE CONTÍNUA, PARA CARGA DE BATERIAS
- DE CORRENTE ALTERNA, PARA ILUMINAÇÃO,  
 RÁDIO-TELEVISÃO OU PARA ELECTRO-BOMBAS

DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA

**C. SANTOS, LDA.**

TRAVESSA DA GLÓRIA, 17—LISBOA

3427



As mais seleccionadas árvores de fruto  
 As melhores sementes de flores e de horta  
 As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos  
 Internacionais

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas,  
 fungicidas. Construção de Jardins, Parques e Pomares.

**Alfredo Moreira da Silva & F.ºs, Lda.**

Rua de D. Manuel II, 55 — PORTO

Telef. 21957

Teleg. «Roselândia-Porto»

CATÁLOGOS GRÁTIS

8702





# Snr. Agricultor

Para uma maior colheita de vinho,  
utilize um atomizador KIEKENS

- FORMIDÁVEL economia em caldas e mão de obra
- ASSISTÊNCIA garantida
- REDUZIDO consumo de combustível
- LEVE

Temos para entrega:  
Modelo simpls com depósito cilíndrico no dorso, para 10 litros de calda e

Modelo combinado com depósito de pós no dorso e o de calda à frente.  
KIEKENS, o mais imitado dos atomizadores de dorso

REPRESENTANTES:

**MUNDINTER**

Av. Ant. Augusto Aguiar, 138  
LISBOA

R. Júlio Dinis, 886  
PORTO

3012

## OENOL

*Sociedade Portuguesa  
de Enologia, Lda.*

Importadores - Armazenistas

DE

Produtos Enológicos  
Material de Adega

E

Material de Laboratório

LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º  
Telefones: 2.8011 - 2.8014

2860

Os produtos da

## UMUPRO

LYON — FRANÇA



HELICIDE GRANULÉ — Produto efficacíssimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ — Para combate aos ralos, à base de clordane;

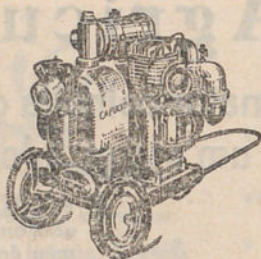


são distribuídos em Portugal por

**Ferreira, Rio & C.ª, L.ª**

Rua do Almada, 329-1.º — Telef. 23007 — PORTO

3139



## GRUPOS MOTO-BOMBA

### "CAPUCHO"

EQUIPADOS COM MOTOR A GAZOLINA.  
PETRÓLEO OUGA/SOLEO

## CASA CAPUCHO

LISBOA—RUA DE S. PAULO, 113-129  
PORTO—RUA MOUS DA SILVEIRA, 139-143

3896

Para os tratamentos  
da *vinha*



> Contra o **Míldio**

## CUPERTANE

FUNGICIDA MISTO DE COBRE E ZINCO

Protecção assegurada \* Melhor colheita \* Notável desenvolvimento vegetativo

> Contra o **Oídio**

## C O S A N

ENXOFRE MOLHÁVEL, COLOIDAL

Baixo custo do tratamento \* A melhor eficácia em doses baixas

Produtos da

## Sociedade Permutadora

LISBOA—Av. da Liberdade, 190  
Telef. 48141/2

S. A. R. L.

Rua da Boavista, 44—PORTO  
Telef. 32107

3011

## SEMENTES

1862

«A SEMEITEIRA» de ALIPIO DIAS & IRMÃO, para semear nesta época recomenda:  
Alfices — Azevens — Beterraba para mesa, Beterraba forraginosa — Carrajó — Cebolas — Cencuras — Couves pencas, Couves tronchuda, Couves repolhos — Ervilhas de grão, Ervilhas de quebrar — Espinafres — Erva molar — Favas — Lawn grass — Luzerna de provence, Luzerna flamande — Ray grass — Rabanetes — Trevo barstun, Trevo spadony, Trevo branco anão, Trevo branco gigante Ladino, Trevo da Pérsia, etc., etc., etc. E ainda uma completa colecção de FLORES, próprias desta época.

Se deseja SEMEAR E COLHER dá a preferência às sementes que com o maior escrupulo lhe fornece a

### «A SEMEITEIRA» de Alípio Dias & Irmão

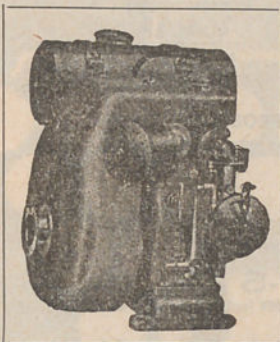
Rua Mouzinho da Silveira, 178 — Telef.: 27578 e 33715 — PORTO

N. B. — Preços especiais para revenda CATÁLOGO — Se ainda não o possui, peça-o que lhe será enviado gratuitamente.



# Motores e Grupos de Rega

## VILLIERS



### MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40

1,1 HP      2 HP      2,4 HP      3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2"      2"      2 1/2"      3"

ENCONTRÁ-LOS-Á NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

**SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.**

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A

Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F

Telef. 53398

3532

O MELHOR CAFÉ  
É O DA

## BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Telefones, 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

### PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido DESINFECTANTE ZAP

ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é INOFENSIVO para os animais domésticos

Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam

Frasco pequeno . 12\$50 \* Frasco grande . 50\$00

Vende-se em todas as farmácias, drogarias, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES  
GERAIS:

Vicente Ribeiro  
& C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.ª, Dt.º  
LISBOA

2892



## Sunda Elástica

S/ MOLAS E S/ PELOTAS

### CASA XAVIER

Albino Pinheiro Xavier, Filhos  
ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeireiros, 165 — PORTO

Telefone, 22908

1701





PRODUTOS AGRAN  
GARANTEM COLHEITA Sã

\*

**COZY-S** é um pó molhável, contendo 37,5% de COBRE (sob a forma de oxiclureto) e 16% de ZINEBE.

É um fungicida indicado para defender as principais culturas (Vitícola, Hortícola e Frutícola) contra diversas doenças entre as quais o MÍLDIO, PEDRADO, MONILIOSE, LEFRA e CRIVADO.

8905



CURE radicalmente  
a **Peeira**  
dos OVINOS

com

**Foot Rot**  
**Tixol**

À VENDA

nos agentes oficiais COOPER  
e nos Grémios da Lavoura

Representantes:

**Herbert Cassels, Ltd.**

LISBOA PORTO



3910

**HERPETOL**

PARA DOENÇAS DA PELE

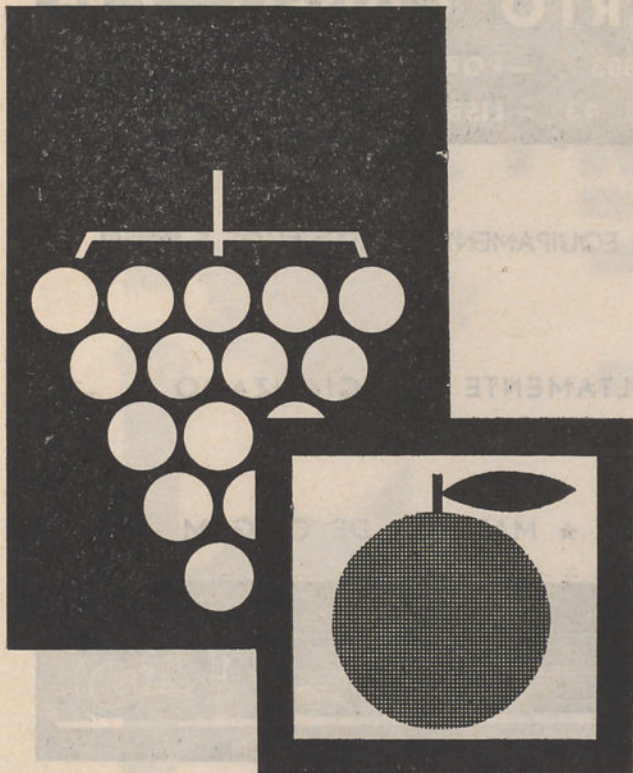
UMA GOIA DE HERPETOL  
e o seu desejo de coçar  
passou. A comichão des-  
parece como por encanto.  
A irritação é  
dominada, e  
pele é refres-  
cada e ali-  
viada. Os  
alvíos come-  
çaram. Medi-  
camento por  
excelência  
para todos os casos de eczema húmido ou seco,  
crostas, espinhos, erupções ou ardência na pele.



À venda em todas as farmácias e drogarias

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO**  
**DA FONSECA, LIMITADA**

DA PRATA 237 - LISBOA



## Agricultura... a base da sua riqueza

como todas as coisas, necessita de protecção...  
a protecção que somente a SHELL lhe pode dar.

**INSECTICIDAS:** Arakol - Dytrol - Ditreen 50WP.  
Phosdrin 24% - Shell Dioldrex 15 - Shell Dioldrin 50%WP  
Shell Endrin 19,5% - Telodrin 15% - Vapona 4.

**FUNGICIDAS:** Fungicida Shell (cúprico) - Sulphoshell.  
Shell H. C. B. - Shell Ditisan - Shell Zineb.

**HERBICIDAS:** Gramevin - Shell M. C. P. A. 80%-pó.  
Shell M. C. P. A. 30% - Shell 2, 4 D.

**MOLHANTE:** Shellestol.

**NEMATICIDAS:** Nemagon 75% - Shell D. D.

são os guardas fiéis dos seus bens... combatendo as pragas e aumentando-lhe os lucros.

PARA QUALQUER ESCLARECIMENTO OU PEDIDOS DE MATERIAL IMPRESSO SOBRE OS PRODUTOS SHELL  
PARA A AGRICULTURA, DIRIJA-SE AO NOSSO AGENTE DA ÁREA OU A:

— PRODUTOS QUÍMICOS SHELL — Avenida da Liberdade, 249 — Telef. 733141 — LISBOA  
— Rua Sá da Bandeira, 706-1.º — Telef. 20431 — PORTO

PRODUTOS QUÍMICOS





**E. T. ROBERTO CUDELL, L.ª DA**

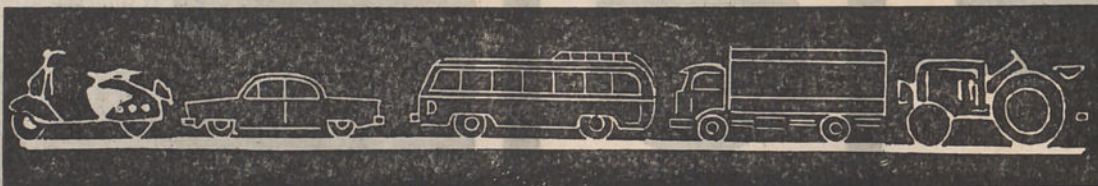
R. Faria Guimarães, 883 — PORTO — Telef. 43011/5

R. Tenente Espanca, 43 — LISBOA — Telef. 775182/4

REPARAÇÕES E MONTAGENS DE EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS E DIESEL

PESSOAL TÉCNICO ALTAMENTE ESPECIALIZADO

APARELHAGEM MODERNA ★ MATERIAL DE ORIGEM



2738

## H. KLEIN, L.ª DA

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

**Produtos Enológicos** — Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhora-mento e clarificação de vinhos.

**Derivados de Mosto de Uva do Douro** — Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

**Carvões vegetais activos** — Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia  
Telef. 390141 — Telegr. NIELK

1823

## COALHO em pó para leite

Da acreditada marca Dinamarquesa «REYMANN», embalagem em caixas de madeira com 100 frascos, e em la'as de 100, 250, 500 e 1000 gramas.

Cada frasco, 10\$00 - Cada kilo, 600\$00

Para revenda, desconto de 20 %

*Para armazenistas ou compra de grandes quantidades, descontos especiais*

Pedidos ao importador

Ezequiel Lopes Ribeiro — Proença-a-Nova

3502



Desde 3½ HP - 600 R.P.M.

MOTORES A ÓLEO

# BAMFORD

DIESEL

O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA

RESISTENTES SIMPLES FACILS DE MANEJAR ECONÓMICOS GARANTIDOS

**JAYME DA COSTA, L.ª**  
14 - R. dos Correios - LISBOA  
12 - P. da Batalha - PORTO

MECÂNICA E ELECTRICIDADE EM TODAS AS APLICAÇÕES

1149

AS RAÇÕES E CONCENTRADOS

# PROVIMI

MUNDIALMENTE ACREDITADOS

são garantia de

mais carne

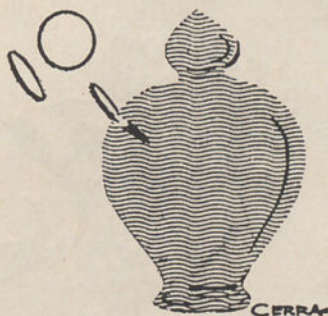
mais ovos

mais leite

## MAIS DINHEIRO



Faça um ensaio... e convencer-se-á



FABRICANTES-CONCESSIONÁRIOS:

3501

*Fábrica de Rações da  
Beira, Lda. — Caramulo*  
*Fábrica Luso Holandesa de  
Rações, Lda. — Carregado*  
*Bonifácio & Filhos — Ovar*  
*Sofar, Lda. — Faro*

*Prazeres & Irmão,  
Sucrs., Lda. — Castro Verde*  
*Nicolau de Sousa Lima  
& Filhos Lda. — Ponta Delgada*  
*Freitas & Gouveia, Lda. — Funchal*  
*A. Relvas, Lda. — Malange*

**PROVIMI PORTUGUESA** — Concentrados  
para Alimentação de Animais, Lda.

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA 4

Telefs. 783439 — 780391 — 782132 — 782131



# CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

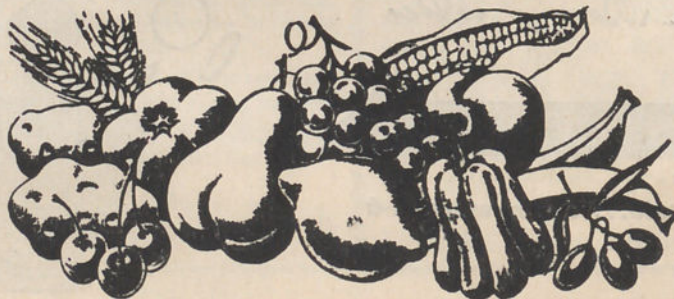
O ADUBO AZOTADO COM  
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL

*OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS  
NAS SEGUINTE CULTURAS:*

ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,  
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.

**E AINDA**

NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E  
NO COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS



## COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS  
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS  
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.  
LISBOA—TELEFONE 368889

3165